





MULHERES CELEBRES

PRLO

DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

PROFESSOR DE HISTORIA

e chorographia patria do Imperial Collegio de Pedro II

OBRA ADOPTADA

Pelo Governo imperial para a leitura nas escolas de Instrucção primaria de sexo
feminino do Municipio da Corte.



RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71--Rua do Ouvidor--71

—
1878

INTRODUÇÃO

Dice alguém que o mestre (o professor ou a professora) *é a placenta da intelligencia* : esta imagem se realça por bonita e por feliz ; affigura-se-nos porém que pecca por defficiente.

Em todos os grãos de instrucção, na secundaria e na superior, e muito principalmente na instrucção primaria, o mestre deve com o maior zelo occupar-se tanto em illuminar a intelligencia, como em cultivar a virtude no coração do discipulo.

E é principalmente no curso da instrucção primaria que o mestre assim deve proceder ; porque então semêa em campo virgem que á mercê quasi absoluta do lavrador desmazelado, ou inepto—solicito e consciencioso, é tam facil de encher-se de espinhaes, como de preciosa vegetação.

Em relação à influencia que póde exercer sobre o futuro do homem, o professor de instrucção primaria é muito mais importante do que o lente cathedatico da universidade de maior nomeada.

Se na mais decadente e corrompida das nações um milagre de Deos dotasse a sociedade depravada com os thesouros de *mães de familias* exemplares, e de *professores de instrucção primaria* na altura do seo grande ministerio, com certeza no fim de poucos lustros se regeneraria a nação que profundamente estragada se mostrara.

E o que a regenerara fora menos a luz das intelligencias do que a virtude dos corações.

Estas idéas de maxima transcendencia em sua applicação nas escolas primarias de ambos os sexos ainda mais transcendem particularmente no ensino primario das meninas que além de mil condições excepcionaes que vão apertal-as em estreito e acanhado horizonte social, tem de carregar com o desempenho e immensa responsabilidade (ainda mal comprehendida pela mulher, e igualmente mal reflectida pelo Estado) de primeiras e principaes reguladoras do futuro da patria, como mãis de familia.

Na escola de instrucção primaria duas condições essenciaes devem ser absolutamente exigidas pelo

governo que a estabelece e mantém: *systema de ensino, e systema de educação*.

No systema de ensino (e não é este aliás o assumpto que de preferencia nos occupa agora), qualquer que seja o methodo adoptado, a paciencia *evangelica*, a doçura, e todos os recursos da habilidade, e da pratica do magisterio são indispensaveis para que a escola primaria não seja o primeiro, cruel, e aborrecido tormento dos meninos.

Ensinar materialmente, afflictivamente com o emprego de castigos mais ou menos dolorózos à conhecer e distinguir letras, ou signaes alphabeticos, à formar syllabas, e com syllabas palavras, à escrever e à contar, molhando a carta do alphabeto, o livrinho do syllabario e dos nomes, e o da arithmetica material com as lagrimas dos meninos de ambos os sexos que ainda são anjos, e já os fazem martyres, é officio mechanico e brutalmente exercido, indigno do magisterio da instrucção primaria, que em relação aos meninos deve assumir o grão de sacerdocio.

Quaesquer que sejam os meios licitos, honestos que empregue, o melhor dos professores ou das professoras de instrucção primaria será sempre aquelle ou aquella que conseguir fazer amar ou pelo menos não aborrecer a escola pelos seus discipulos ou discipulas.

Esse problema resolve-se promptamente, desde que o professor ou professora sabe merecer, e pela sua paciencia, doçura, e habilidade conquistar o amor e a estima dos meninos. E isso é tam facil !..

O segredo do melhor dos methods, e do mais fructuoso ensino se resume nisso : o menino aprenderá sempre muito mais pelo amor do que pelo mêdo do mestre.

Os professores de instrucção primaria, os mestres de inexoravel sobr'olho carregado, os dissimulados useiros da palmatoria, os infligidores de castigos que torturão o corpo, e estragão o pudor dos meninos, são algozes desses innocentes, e, sem o pensar, malfeitos da sociedade.

*

O systema de educação nas escolas de instrucção primaria deve ter por bases indeclinaveis —o conselho ou a licção com arte— a explicação com clareza— e o exemplo com escrupuloso cuidado,— e o objectivo de todo systema de educação não pôde ser outro, senão corrigir os defeitos, e desenvolver as boas qualidades dos meninos.

O conselho ou a licção exige arte para que mais aproveite: o modo e a opportunidade são neste ponto de grande importancia, e o character do menino, á quem se vae aconselhar e instruir, não menos : aqui dá-se o caso aliás frequente, em que o

grande e o melhor livro de ensino é a intelligencia e o juizo prudente do mestre.

Fazer em conselhos diarios e regulares um curso de principios moraes ainda mesmo adaptados á comprehensão dos meninos seria perder inutilmente trabalho e tempo.

O mais proficuo dos systemas de educação é o da educação por assim dizer *occasional*, dada á *propósito*, sempre zelosa e activa na observação, e manifestada opportunamente e com estudado modo. A's vezes é *sabio* fingir não vêr hoje a prova, o facto indicador de falta, de culpa grave, e punil-a amanhã com o elogio, e com o premio de acto de natureza opposta. O elogio e o premio crião a emulação, e a justiça do mestre á distribuil-os torna-os poderoso elemento educador.

Na explicação das santas orações, e das maximas, fabulas etc., é indispensavel que o mestre suba, parecendo descer; que elle se faça, explicando, intelligencia lucifera; mas intelligencia de menino da idade dos meninos á quem falla, e que nada ganharião em ouvil-o; se não entendessem o que elle diz. E não ha eloquencia mais sublime do que a do mestre que consegue levar ao espirito dos meninos a comprehensão e culto dos principios moraes que expõe, explica e desenvolve.

O exemplo ainda pôde mais do que o conselho e a explicação. O exemplo é o conselho pratico e a explicação viva.

Que o queirão ou não, o professor e a profesora de instrucção primaria são *exemplares* ou modelos para os seus discipulos: estes os imitam, mais ou menos e tanto quanto podem, em tudo, nas acções, em muitos dos seus costumes, como até nas entonações da voz, e principalmente nas qualidades, e nos defeitos.

E' certissimo que a bôa ou má educação domestica consideravelmente auxilia ou prejudica a melhor educação dada na escola; mas ainda na segunda hypothese o *exemplo* do mestre é de transcendente influencia.

Não ha homem que tenha restricta obrigação de medir mais escrupulosamente o seu proceder, modos, e fallas, e de zelar mais a pureza dos seus costumes, do que o mestre, que é o modelo, o *exemplar* dos seus discipulos.

O mestre que no justo empenho de castigar o delicto de um menino de sua escola, infelizmente se destempéra, injuriando o delinquente com palavras e qualificativos insultuosos e offensivos, é ainda mais condemnavel do que o discipulo culpado; porque incorre em gravissima quebra do *conselho pratico, da explicação viva, do exemplo* emfim

da continencia da ira, do pudor da palavra, e da civilidade que são preceitos de bôa educação.

Em seo objectivo, como o consideramos, o systema de educação na escola é tam difficil, como é laboriosissimo; porquanto para sua maior efficacia precisa ser individual, e é quasi impossivel em escolas numerosamente frequentadas. Sob este ponto de vista são os pais que podem fazer mais; o mestre porém ainda faria muito, desde que soubesse e quizesse exaltar o seo ministerio, elevando-o às alturas de sacerdocio.

Todas as qualidades moraes tem os seus defeitos correspondentes, e vice-versa: desenvolver em cada menino suas bôas qualidades, e corrigir os defeitos correspondentes, e vice-versa, isto é, tornar bom o máo, mudar o vicio em virtude, eis o mais bello e glorioso empenho do educador.

Na idade tenra dos meninos que recebem a instrucção primaria podem-se educar as idéas e os sentimentos, como se *educão* as plantas. Naquelles verdes annos não ha virtudes, nem vicios firmados, as qualidades bôas e más germinão apenas, não formão character, são disposições mais ou menos pronnciadas para se formar o character.

Convém então aproveitar o tempo, e com apuros de observação, de paciencia, de constancia e

de arte, combatendo as disposições para as más qualidades, e corrigindo com prudencia a exageração das proprias bôas fazer da avareza — economia, da inveja — emulação, da altivez — magnanimidades.

A theoria não é nova e tem sido magistralmente exposta e desenvolvida ; mas não é licito esperar vê-la em pratica fiel e completa na escôla; porque essencialmente depende do estudo e do conhecimento das bôas e más qualidades *em germen* no animo, no coração de cada menino, estudo e conhecimento que se multiplicaria pelo numero dos meninos frequentadores da escôla.

Ha porém disposições tendentes á formar character tam accentuadas, tam francas que se manifestão claramente á mais ligeira observação : nestes casos seria imperdoavel o mestre que não *educasse* aquellas disposições ; e não seria pequeno o trabalho, nem pouco importante o serviço prestado ; porquanto os meninos são em regra geral notavelmente expansivos, e de naturalidade e candura proprias de sua idade, sendo pois muitos á offerecer ao mestre opportunidades de verdadeira gloria em triumphos de educação.

Um dos mais acertados meios de cultivar na escôla a educação é consorcial-a, ligal-a sempre com

o estudo diario propriamente dito, e desde que o menino ou menina começa á lêr.

O laço desse consorcio, dessa união é o *livro*; mas o livro não passa de instrumento confiado á capacidade, ao zelo e a honra do professor ou do mestre.

Não ha consorcio, união harmonica da instrucção e da educação na escola, não ha cumprimento desses dous deveres do mestre, se o livro dado para leitura não preenche os dous fins, e se o mestre, ainda dispondo do mais adequado livro, não se empenha em conseguir que os discipulos comprehendão o que lêem.

Por isso mesmo não póde haver na escola, preenchendo todas as condições, livro que absolutamente seja o *melhor*. E' necessario que haja *livros*, que cada classe de alumnos tenha o seu, e que esse apropriado seja ao ensino simultaneo da leitura e da educação.

Desde que o menino liga syllabas, tenha o seu livrinho não de extensas listas de nomes proprios e communs; mas de proposições sentenciosas, constantes de breves palavras de facil composição e que progressivamente vão se augmentando em relação ao numero das syllabas de cada palavra, e ao das palavras de cada sentença.

Não serão preferiveis por todas as razões essas breves sentenças, de que o mestre se empenhará em

deixar ainda mesmo superficial noção no espirito do menino, ás extensas listas de nomes em ordem alphabetica das iniciaes, ordem que é toda material, e que por sê-lo menos aproveita ao adiantamento na leitura?...

Exemplifiquemos.

CARTA OU LISTA DE NOMES

*An-tão, — An-dar, Ar-ca— An-dré,
Bar-ca,— Ben-to,— Bri-tes,— Ba-na-na, etc.*

PROPOSIÇÕES SENTENCIOSAS

De-os é bom.

O ho-mem de-ve a-mar a Deos.

*O homem deve amar a Deos so-bre to-das as
cou-sas.*

O fi-lho deve hon-rar á seo pai e a sua mãe.

Etc., etc.

Exemplificando assim ao correr da penna deixamos evidentemente entendido que as sentenças, como as palavras que as formarem, devem, partindo da maior simplicidade, ir em escala ascendente, explorando, empregando todas as gradações do syllabario, e desenvolvendo a intelligencia e a educação.

E' claro, e é logico que para a classe de alumnos immediatamente superior à essa, de que acabamos de fallar, quereríamos outro *livrinho*, absolutamente

igual no ponto de vista do ensino simultaneo da leitura e da educação ; muito differente porém pela relativa elevação de idéas adequadas ao adiantamento dos alumnos, que aliás ainda em outro livro estudarião na ultima classe, ou na de segundo grão de instrucção primaria.

Os costumes do paiz, e o systema de instrucção publica primaria adoptado, separão os dous sexos : as escólas mixtas ainda são repugnadas.

Cumpre-nos confessal-o ou dizel-o com toda a força da mais profunda convicção : sem excluir o homem do exercicio do magisterio de instrucção primaria, consideramos a mulher muito mais capaz e como que naturalmente apropriada para desempenhar esse grande ministerio com proveito consideravelmente maior para os alumnos e para a sociedade.

Pelas suas proprias condições sociaes limitadas, mesquinhas, e exigentes de mais severos e austeros deveres moraes, a mulher, em geral, é melhor mais digna, mais respeitavel, mais virtuosa do que o homem. Ea mulher destinada pela natureza á ser mãe, tem em seo coração todas as maravilhosas delicadezas, todos os segredos de doçura do amor maternal, que ainda sem que ella tenha filhos, faceis

a tornão como suave mãe das meninas, de quem é professora ou mestra.

Se fossemos legislador, não hesitaríamos um só instante em autorisar, e mais do que isso, em fundar escolas mixtas de instrucção primaria dirigidas por senhoras, cuja moralidade fulgurasse isenta de nuvens de suspeita, E' claro que nos referimos ao magisterio que o Estado alimenta ; porque ao particular não reconheceríamos limites á sua ampla liberdade de exercicio e só em caso de abusos sujeito á acção das leis, e sempre á inspecção ou vigia moral da competente autoridade.

Mas estas idéas apenas por occasião escapadas de nossas convicções sobre a preferencia que merece a mulher para dirigir a instrucção primaria de ambos os sexos, e sobre a utilidade e conveniencia de escolas mixtas á cargo de professoras condignas, fiquem de parte, e como enunciadas em parenthesis ; pois que não sendo estranhas ao assumpto de que nos occupamos perfunctoriamente, nos afastarão ainda assim do ponto preciso, que temos fitado.

Conforme as condições sociaes á que está preza a mulher, e conforme o systema geral de instrucção primaria separador não da instrucção, mas da educação dos dous sexos ; porque a primeira é em tudo identica, e só se explicará a separação das escolas

pela segunda, é consequente que pelo menos nos ultimos, ou emfim no ultimo livro de leitura as meninas achem, e recebem doutrinas e principios de moral particularmente propria do seo sexo.

O primeiro livro, aquelle de que procurámos dar sufficiente idéa em ligeira exemplificação, conviria igualmente á ambos os sexos, e nem isso precisa ser demonstrado ; outros livros porém depois desse progressivamente desenvolvidos em sua substancia serão adequados á educação especial das meninas.

Neste caso o livro que exclusivamente constasse de sentenças ainda as mais sabias e puras acabaria por fatigar pela monotonia. A variedade no genero litterario dos livros de leitura é de optimo conselho, com tanto que nestes haja no genero litterario *geito* litterario para ensinar e estabelecer, e firmar no animo das meninas principios sãos, e preceitos de moral especulativa e pratica.

Tudo isso importa methodo de execução harmonica, longa, e invariavel de que dependeria a proficuidade do severamente observado systema de ensino simultaneo de instrucção primaria e de educação moral e religiosa, cousa que de facto não temos, ou só temos tam incompletamente, quanto é licito imaginar.

Mas á parte o systema, é positivo que ao menos para as meninas de classe superior nas escolas de instrucção primaria ha grande e muito sensivel pobreza de livros de leitura que excitando interesse pela natureza de seos assumptos, sejam fontes de principios moraes, de lições de benemerencias e de virtudes, e apropriados á intelligencias já esclarecidas bastante para reflectir sobre o que lêem, e consciosamente aceitar juizos e apreciações dos factos, aliás ainda com o auxilio, e com a luz mais brilhante e mais profunda da professora.

O forte desejo de attingir este ultimo alvo levou-nos á escrever o livrinho, á que demos o titulo de *Mulheres Celebres*; porque nelle offerecemos em succintas noticias biographicas o estudo de algumas *Mulheres de celebridade historica*, de cada uma das quaes nos esforçamos por fazer sobresahir a lição moral que transpira das acções benemerenes, virtuosas ou heroicas, que illustraráõ sua vida.

E' obvio que em objectivo de educação moral fallar á meninas de grandes feitos e de fulgurantes glorias de homens illustres não preencheria o fim, que tinhamos precisamente fitado: é nos horizontes sociaes marcados ao seo sexo, é na escola pratica, no modelo-escola das mulheres benemeritas, virtuosas e heroicas que devem aprender, aproveitar e *formar-se* moralmente as meninas.

E, já o dissemos, o exemplo do professor e da professora é o conselho pratico, a explicação viva da melhor educação; mas tambem no estudo das *women celebrated, redivivas na historia* pelo fulgor das suas virtudes e de seu heroismo, as meninas acharão exemplos excellentes, em cuja apreciação hão de aprender e aproveitar com vezes mais do que nos livros de moral especulativa. Pelo menos é esta a nossa opinião.

E' muito possivel que tenhamos escripto livrinho falto de morecimento, e eivado de mil senões; se porrem para mais não chegou-nos a intelligencia, com certeza foi boa nossa intenção.

Mas, na hypothese de utilidade reconhecida, ainda assim este humilde livrinho destinado para as meninas de classe superior nas escolas de instrução primaria, não passará de instrumento material de leitura, se o não apadrinharem a capacidade, o zelo e a consciencia das professoras: sem o seu auxilio e concurso a historia de *Bertholdo* e outras iguaes servirão tanto, como elle.

Não ha livro que desempenhe o seu fim nas escolas, se lhe falta o soccorro do mestre, á quem cumpre trazer á luz, explicar e desenvolver os preceitos, e as doutrinas que elle encerra.

O mestre completa e vivifica o livro.

Tudo mais que além disto dicessemos, seria impertinência de auctor á fallar de sua obra.

Terminando, pedimos venia para uma indispensavel declaração.

Mais de uma vez alludimos á praticas ruins de ensino, e á abusos de professores e de professoras na gerencia de suas cadeiras: essas allusões porém, aliás bem fundadas e justissimas, não podião referir-se nem se referem senão á lamentaveis excepções que infelizmente ha, e nem ellas se lançarão com intencional applicação á pessoa alguma.

Temos conhecimento muito imperfeito; mas em todo caso conhecimento sufficiente das escolas publicas de instrucção primaria do municipio da côrte e da provincia do Rio de Janeiro para assegurar o que julgamos dever enunciarsem o mais leve pensamento de censura geral que fôra injusta.

Dispondo de outros recursos financeiros e de outros elementos de habilitação intellectual de professores, e de systema de instrucção publica muito mais desenvolvido o municipio da côrte explicavelmente attinge desmedida superioridade em comparação com a provincia do Rio de Janeiro.

Isto não é dizer que no municipio da côrte deixe de pronunciar-se a necessidade de grandes reformas

em materia de instrucção publica desde os horizontes de acção e attribuições multiplicadas e complicadas da inspectoría geral, e do *conselho superior*, que instituido como se acha, é uma inutilidade—trambolho apenas tolerado; porque nada custa ao thesouro—, até as suas ultimas (que são as principaes) condições de systema.

Mas, ainda assim, o progresso sem ter sido tal que satisfaça, é muito consideravel principalmente em relação ás habilitações dos professores e professoras de instrucção primaria.

Esta observação altamente animadora não tem escapado áquelles que em character official ou como ouvintes curiosos podem dar testemunho das provas de habilitação não só de candidatos ao magisterio como aos logares de *adjuntos* e de *adjuntas* nas escólas publicas.

E ha um facto que assignalámos como justissimo tributo pago á quem de justiça o merece: em mais de um dos ultimos exames ou provas publicas para os logares de *adjuntos* e de *adjuntas*, em geral os candidatos de um e de outro sexo satisfizerão muito, embora em gradações comparativas, todas as exigencias de habilitação intellectual para o ensiuo; mas sem a menor duvida (em geral tambem) as jovens candidatas excedêrão aos candidatos do outro sexo.

Assignalando o facto, confessamos certa parciali-

dade na impressão do contentamento, que elle nos deixou, demonstrando praticamente que a mulher é pelo menos igual ao homem em capacidade intellectual para o magisterio de instrucção primaria, sendo *naturalmente* superior, muito superior á elle em capacidade moral e adequada para o ensino e a educação dos meninos nas escólas primarias.

A impressão que recebemos, deveria em verdade sorrir, e alegrar, á quem aspira a instituição de escólas mixtas dirigidas por habéis e dignas professoras, e a preferencia, embora não absolutamente exclusiva, da mulher para o exercicio do magisterio da instrucção primaria.

AMALIA SIEVEKING

Amalia Sieveking nasceu em Hamburgo aos 25 de Julho de 1794 e ali recebeu excellente educação que desenvolveu e aprimorou suas virtudes naturaes.

Dispondo de fortuna mais que abastada e portanto no caso de disfructal-a, empregando-a no gozo de festas e em ostentação de luxo, vaidade, que em geral arrebatava e deslumbra as senhoras, ella preferio dedicar-se á bella e nobre missão de melhorar a sorte dos desvalidos e infelizes.

Ainda muito moça era, quando empreheo e desempenhou a abençoada tarefa de ensinar, e educar gratuitamente meninas pobres.

Tendo a terrível peste do *cholera morbus* invadido pela primeira vez a Allemanha, e notavelmente Hamburgo com a maior violencia, de quasi todos se apoderou o terror; Amalia Sieveking porem despedio suas discipulas e passou de sua casa para grande hospital estabelecido para os affectados do cholera-morbus, e d'elles se fez gratuita e admiravel enfermeira, deixando de se-lo somente no fim de nove mezes, quando cessou de todo em Hamburgo a mortifera epidemia.

A ex-enfermeira voltou para o seu piedoso magisterio de meninas pobres ; mas como pela modestia do seu viver ainda lhe sobrassem rendimentos dos bens que possuia, sentia-se feliz, levando ao seio dos indigentes, e de preferencia ao dos invalidos, e enfermos necessitados aquellas sobras da evangelica simplicidade do seu tratamento pessoal, e do que lhe custava o vestuario das mais pobres das suas discipulas.

Coube á Amalia Sieveking ainda a gloria de contribuir muito com a influencia que lhe dava a geral veneração ás suas virtudes, e com o concurso

material de sua fortuna para a fundação do Azylo de meninas pobres denominado—*Graue Haus*.

Amalia Sieveking morreu em Hamburgo em 3 de Abril de 1859, tendo de idade sessenta e cinco annos, dos quaes mais de quarenta exclusivamente empregados no bem dos pobres, dos doentes, e dos invalidos.

Que vida mais preclara, illustre e santa?... nunca houve quem melhor amasse á Deos, do que a abnegada Amalia Sieveking, que abastada ou rica tam pouco se occupava materialmente de si, e tanto se occupou em cumprir a lei sagrada do amor do proximo, e principalmente do *proximo ou do irmão* infeliz.

Não foi princesa, nem fidalga ; mas a Allemauha já registrou na sua historia o nome de *Amalia Sieveking* entre os das suas princezas e fidalgas de mais gloriosa nomeada.

Toda aquella senhora que puder igualar-se com Amalia Sieveking terá nome perpetuamente abençoado na memoria dos homens, e sua alma coroadada pelo premio supremo de Deos.

BARBARA UTTMANN

Esta benemerita senhora nasceu no anno de 1511 em Annaberg, cidade da Saxonia, e foi desveladamente educada por seu pai Henrique von Elterlein.

Menina ainda, Barbara já era conhecida e louvada em Annaberg pelo ardor com que praticava a caridade, e pela doçura do seu coração.

Entre os dotes que recebera da educação, era natural o primor com que executava trabalhos de agulha, e como fosse modesta a fortuna de seu pai, naquella arte achava Barbara muitas vezes recurso auxiliar para as suas esmolas.

Casando-se com Uttmann, rico proprietario de minas, Barbara honestissima e dedicada esposa, e muito amada por seu marido, pôde alargar, e

de facto ampliou os horisontes da sua caridade, que é a primeira das virtudes.

Mas sabiamente inspirada Barbara Uttmann não se limitou á esmola, que facilita o pão do dia que está passando, e quiz fundar e fundou grandiosa esmola abastadora dos dias e dos annos do futuro.

Os habitantes daquella parte da Saxonia erão em geral pobres tezelões, a quem a fortuna não sorria, e Barbara Uttmann desde muito pensava em proporcionar-lhes industria mais lucrativa.

Como ella mesma por gosto de arte, e com exito feliz tivesse chegado a imitar as rendas de Flandres; dispondo depois do seu casamento de sufficientes meios pecuniarios, mandou engajar á sua custa em Bruxellas duas consummadas mestras daquellas rendas, e as estabeleceu em Annaberg para o ensino gratuito das meninas da cidade e das circumvisinhanças, concorrendo Barbara com todas as despesas necessarias.

A nova industria assim creada por Barbara Uttmann recebeu a benção de Deos, e tanto prosperou, que em 1560, sendo toda a Saxonia flagellada pela fome, Annaberg e seo districto assoberbarão

o flagello geral, graças áquella fonte de recursos, à avultada producção de *rendas de Flandres* sahidas de Annaberg.

Barbara Uttmann morreo em 1575 com sessenta e quatro annos de idade, chorada por todos os Annaberguezes que lhe deverão o exemplo de preclaras virtudes, e o immenso beneficio de importante elemento de prosperidade e de riqueza.

A' Barbara Uttmann póde não caber o nome de heroina ; mas entre as heroínas qual foi mais benemerita, do que ella ?...

Rica não esbanjou cabedaes em ostentações vaidosas de luxo, e de esplendor tam enlevadoras da mulher em todos os tempos ; empregou-os no culto evangelico do amor do proximo, na esmola que mata a fome do indigente, e enfim em util instituição só com os seus sacrificios pecuniarios fundada, e alimentada, instituição que no fim de poucos annos ao pronunciamento geral da fome na Saxonia, fez que Annaberg pudesse manter no seo districto ou abastança, ou pelo menos isenção de penuria.

Barbara Uttmann foi pela iniciativa e influencia

proficua de sua individualidade tanto, quanto poderia te-lo sido bom e sabio governo em Annaberg.

Barbara Uttmann é bello exemplo de benemerencia, e quantas senhoras se acharem nas suas condições, e quizerem e souberem imital-a, serão benemeritas, patriotas, e verdadeiramente grandes, como ella o foi, e receberão por isso gloriosa e perpetua nomeada na historia da humanidade.

E para tanto merecer basta a simples e conscienciosa, e dedicada observação do resumo perfeito e sublime das leis divinas, resumo unico aceitavel de todas as doutrinas sociaes pregadas, promulgadas, e imaginaveis: — amar á Deos sobre todas as cousas, e ao proximo como a nós mesmos.

CLELIA

Os romanos justamente revoltados contra *Tarquínio o Soberbo*, seo rei, o desthronarão e abolição a monarchia :

Tarquínio o Soberdo foi pedir protecção e auxilio á Porsena, rei de Clusium na Etruria, seo antigo aliado, e este á frente de seo exercito marchou contra os romanos, e sitiou Roma.

Esta guerra não se prolongou : depois de balhada tentativa para entrar na cidade, e reconhecendo que os romanos lhe opporirão heroica resistencia, Porsena ajustou paz com elles e recebeu em refens certo numero de jovens donzellas romanas.

Clelia uma dellas não podendo sujeitar-se áquella especie de captiveiro, que a separava da patria, e da familia, salvou-se, atravessando o Tybre á nado e debaixo de terrivel chuva de settas, que os etruscos atiravão sobre ella.

Os romanos, fieis aos ajustes e condições da paz, mandarão reconduzir Clelia para o poder de Porse-

na ; este porém admirando e honrando os sentimentos e a coragem da joveu donzella, restituiu-lhe a liberdade, e deo-lhe de presente um cavallo ricamente ajaezado.

A historia dos sete reis de Roma, e desta guerra de Porsena é cheia de pontos obscuros e de muitas duvidas : querem até bons historiadores que esse rei tivesse tomado Roma.

Como quer que seja ó interessante episodio de Clelia ficou gravado na historia.

Sem que possa considerar-se grandioso acto de de virtude o que praticou Clelia; pois que fugindo, e expon-do-se à morte, ella sómente se empenhou em conseguir o *proprio bem*, acudindo ás saudades e as ancias do amor da patria e de seus pais; é com tudo bello, e commovente esse acto corajoso inspirado pelos mais generosos e nobres sentimentos.

E tam doce enlevo produzio aquelle arrebatamento de amor da patria e dos pais, que Porsena enternecido, poupou Clelia ás condições de refem, e deo-lhe a liberdade, e n'um presente signal de sua estima,

CLEMENCIA IZAURA

Descendente dos condes de Tolosa, como alguns affirmarão, ou embora o não fosse, Clemencia Izaura nobre e rica senhora de Tolosa deixou seu nome perpetuado pelo amor e pelos incentivos que he mereceo a poesia.

Era no tempo em que altamente se honravão os grandes poetas, e em que os Papas os chamavão á Roma para corôal-os.

Clemencia Izaura instituiu em Tolosa no anno de 1490 os *jogos floraes*, e morrendo em 1513 legou á cidade rendas sufficientes para as despesas dos concursos de poesia.

Ella não era poetisa, e se compoz versos não orão elles de merecimento que os livrasse de completo olvido. Tambem a instituição dos *jogos floraes*

de Tolosa não foi mais do que a revivicação do *Collegio da Sciencia Amena* que na mesma cidade tinha annos antes florescido ; esta lembrança historica porém de modo algum pôde amesquinhar a importancia dos favores e da animação que á Izaura deveo cultivo da poesia.

A instituição dos *jogos floraes*, e o generoso legado testamentario para se manterem esses jogos, verdadeiros concursos de poesia, resumem tudo quanto se sabe da vida de Clemencia Izaura, embora admiradores de máo gôsto a improvisassem, depois de sua morte, heroina de insensatos romances.

Mas a perpetuidade historica do nome de Clemencia Izaura por aquelles dous factos e ápezar da ignorancia de tudo mais da sua vida, é lição que deve ser aproveitada.

A sociedade, os costumes, o erro geral o mais lamentavel impõe á mulher educação viciada, falsa e maligna no germen e na animação de sentimento inoculado, que depois chega à tornar-se paixão. Quasi ainda no berço ensinão a menina á ser

vaidosa, e quando a menina faz-se joven, já é innocentemente abysmo de vaidade.

A escrava dessa imposta e segunda natureza feminil, que se chama *vaidade*, só cuida em exaltar seos dotes physicos, em adereçar-se com as mais custosas joias, em ostentar na exposição de poucas horas vestidos e adornos que importão em avultadas e ephemeras despezas, e n'um só baile esbanja quantias, que sobrarião para alimentar vinte pobres e iudigentes durante um anno.

A mulher vaidosa ainda muito mais rica do que o foi Clemencia Izaura, dispondo livremente de sua fortuna, esgotaria em poucos annos todos os seos cofres em diademas, em brilhantes, perolas e esmeraldas, em veludos e sêdas, e em mil phantasias de rendas, de pennas, e de enfeites, cuja vangloria dura uma noute, sendo a lembrança de cada uma dessas noutes, como a luz do perilampo.

E por fim a vaidosa envelhece, na velhice experimenta o castigo da vaidade, e se volta os olhos para o seo passado vê sómente ruinas que o luxo e a ostentação espalhárão, e não tem a compensação de acções meritorias, que recommendem seo nome.

á gratidão da humanidade, e que lhe dêem essa segunda e gloriosa vida que é a immortalidade na historia pela importancia ou pela grandeza dos beneficios que fez, das instituições que soube crear, empregando bem sua riqueza.

Quando instituiu em Tolosa os *jogos floraes*, Clemencia Izaura nobre e rica, e independente, contava apenas vinte e sete annos, era bonita e joven, estava em sua idade de maior impulso e de mais ardentes expansões de vaidade; mas em vez de esbanjar sua fortuna em futeis e passageiros esplendores de adereços deslumbrantes, dedicou elevadas sommas á fundação e ao vivificante brilho de utilissimo concurso, e esplendido cultivo da poesia e deo prova incontestavel de que não o fazia por ostentosa vangloria, e sim por verdadeiro amor ás bellas-lettras deixando desse amor que é puro, testemunho tambem puro e d'além-tumulo em seo honorifico legado à cidade de Talosa para que ella mantivesse a instituição que fundada ficava.

E já lá vão trezentos e quatro annos que Clemencia Izaura é morta, e ainda o seo nome não foi, e nem será esquecido.

CLOTILDE (SANTA)

O imperio romano despedaçava-se invadido por ovos barbaros, cujos chefes vencedores dominavão m suas provincias.

No anno 481 Clovis, filho de Childerico I, rei os Francos, succedeo á seu pai e por suas victo-ias e pela fortuna que o favoreceo foi o fundador a monarchia franceza.

Clovis era barbaro como seo pai o fôra, como os *rancos* o erão ; mas no anno 493 desposou Clotilde, filha de Childerico I, rei dos Burguinhões barbaros tambem, e essa união foi acontecimento de lta importancia.

Clotilde, que era muito joven, quando morrera seu

A fama de sua belleza, e conveniencias politicas levarão Clovis a despoza-la.

Amada por seu esposo Clotilde não tardou á empregar toda a influencia do seu espirito e de sua formosura para levar Clovis ao seio da verdadeira religião.

Sem duvida já ella tinha conseguido acender a primeira luz da fè na alma de Clovis, quando este em 496 no maior fervor da terrivel batalha travada com os allemães em Tolbiac, lembrando-se do Deos, do qual tanto lhe fallava Clotilde, fez voto de abraçar o christianismo, se alcançasse victoria.

Os allemães forão completamente desbaratados, e Clovis vencedor, logo depois recebeu em Reims no dia do Natal o baptismo e a unção santa das mãos de S. Remigio.

Tres mil dos principaes *francos* se fizerão christãos com o seo rei e em seguida os outros os imitarão, e os *francos* forão contados entre as nações civilisadas.

Foi então que o Papa deo aos reis dos *francos* o pai, cultivava na solidão a verdadeira fé e caridade.

titulo de *christianissimos* e *filhos mais velhos da Igreja*.

O reinado de Clovis estendeo-se até o anno 511; mas a rainha Clotilde embora muito amada, não foi sempre feliz. Seo esposo encheo de sangue os ultimos annos de sua vida, mandando matar muitos chefes, cuja ambição temia.

Fallecendo Clovis, seos quatro filhos herdeiros dos Estados, tornárão-se inimigos em furente guerra, e Clotilde, a rainha viuva, e mãe atribulada, não podendo harmonisal-os, retirou-se triste para Reims onde viveu piedosa e exemplarmente até o anno 545.

Clotilde foi canonisada e sua festa se celebra á 3 de Junho.

Não é preciso dizer que as virtudes de uma santa devem ser imitadas.

Mas não é da rainha Clotilde canonisada que se tem á peito tratar neste artigo ; é da mulher dotada de espirito e de formosura, e do emprego que ella deu á influencia do seu espirito e de sua formosura que cumpre fallar aqui.

O encanto do espirito é condão tanto mais poderoso que a idade, os velhos annos não pôdem abater ; a formosura de uma mulher, triste segredo de fraqueza, quando inspira vaidade (o que infelizmente por demais se observa) é sem contestação fonte de poder influente e ás vezes soberano (passageiro, temporario embora) que tem escravizado homens da mais alta posição ; mas hallucinados por sentimentos menos nobres, arrastando-os muitas vezes para o mal e para o opprobrio, e algumas para o bem e para a verdadeira gloria.

Por esses dons, o espirito e a belleza, a graça da alma e a graça do corpo, por esses encantos a mulher que os possúe e os faz influir, é bom anjo, ou fatal demonio, conforme inspira e chega á poder o bem, ou o mal, impulsando o homem sobre quem domina.

Clotilde possuiu esses dons, espirito, a graça da alma, belleza, a graça do corpo, e empregou-os não em inflamar paixões, nem em fazer erigir ephemeros altares á sua vaidade de formosa ; nem á saciar sêde de ambições e de vanglorias, de baixa avareza, e de imponente dominio.

Clotilde com o poder do seo espirito e da sua belleza, que ella tornou alavancas da civilisação, pelo triumpho do christianismo fez de um povo barbaro nação civilisada; da noute escura, das trèvas do erro, a aurora e a luz brilhante da religião santa abraçada pelos *francos*.

Como Clotilde, fulgurosa pelo espirito, encantadora pela belleza, houve, ha, e hão de haver muitas jovens, muitas senhoras, que a igualarão e igualam, podendo mesmo excedel-a no primor desses don^{as}.

Mas a gloria que póde provir dessas graças do espirito e do corpo, de que tanto a mulher se desvanece, não consiste em possuil-as, funda-se toda e exclusivamente no bem, que a mulher faz pela influencia e pelo poder que ellas chegão—a dar-lhe sobre o homem, o esposo que a ama, guiando-o ou impellindo-o pela senda do dever, da honra e das virtudes.

CORNELIA — MÃE DOS GRACCHOS

Nos tempos em que mais prosperou a republica romana floresceo Cornelia filha de Scipião o Africano, e esposa de Tiberio Sempronio Graccho, ambos generaes famosos, principalmente Scipião, o vencedor de Annibal em Zama ; e ambos por duas vezes consules da republica.

Cornelia foi tam illustre como elles pelas suas virtudes, e sobre tudo como exemplar *mãe de familia* que é a verdadeira pedra de toque do maior merecimento da mulher.

De sua uuião com Tiberio Sempronio Graccho teve dous filhos Tiberio e Caio Sempronio Graccho, cuja educação ella propria dirigio com a mais zelosa e intelligente dedicação.

Tendo inviuvado, um rei de Lybia, (diz-se) propoz-se a desposal-a ; ella porem respondeo : « prefiro ser viuva de um romano á ser esposa de um rei. »

Um dia uma senhora da Campania, estando em Roma ; apresentou-se a Cornelia, fazendo ostentação de riquissimas joias, com que se adereçara, e depois de as ter feito notar, dice-lhe : « mostrai-me agora tambem as vossas joias mais preciosas. » Cornelia, mandando chamar os filhos, apresentou-os á vaidosa senhora, dizendo-lhe : « eis os meos mais bellos ornamentos e os meos thesouros. »

Tiberio e Caio Graccho educados com esmero distinguirão-se por nobreza de character, por sentimentos generosos ; e pela sua eloquencia e coragem provárão ambos igual e desastrosa fortuna.

Entrárão cêdo na vida politica . Tiberio, o mais velho, nomeado questor illustrou-se na Hespanha, de volta á Roma foi eleito tribuno, e abraçando dedicadamente o partido popular, ou plebeo, fez passar uma lei agraria e distribuir pelos cidadãos pobres as riquezas que Attila, rei de Pergamo, tinha legado ao povo romano. No auge da popularidade,

e á temel-o por isso, o senado o fez morrer assassinado no meio dos seus partidistas.

Dez annos depois Caio, fervente propugnador das idéas politicas de seu irmão, foi arredado de Roma com a nomeação de questor na Sardenha ; mas tornando áquella capital, e por sua vez eleito tribuno, tambem fez passar uma lei agraria, deo aos povos da Italia o direito de suffragio, prestou consideraveis serviços, tornou-se objecto da maior confiança do povo ; mas perdendo o tribunato por intrigas dos senadores, reunio o povo no Forum, conspirando contra elles, foi atacado logo por força armada que venceu facil os plebeos inermes, fugio, azilou-se no templo de Diana, onde, segundo uns, foi morto por ordem do consul Opimio, ou, conforme outros, fez-se matar por um escravo.

Cornelia não tinha a insensibilidade das spartanas criadas por Lycurgo, chorou a morte de seus filhos com a dôr profunda de seu coração de mãe-modelo; mas chorou-os sem a consternação, que é propria só dos animos fracos, e mitigou a saudade dos filhos com o nobre orgulho da gloriosa memoria delles.

E sobreviveo aos filhos, e morreo sempre com

esse orgulho mil vezes excusavel na mais nobre, dedicada e digna das mães.

Um dia em que triste, grave, e no meio de geral respeito Cornelia voltava do templo para sua casa, alguém, talvez, ou sem duvida algum estrangeiro, ao vê-la passar, perguntou aos que lhe estavam ao pé : « quem é esta veneranda matrona ?... »

Cornelia, que ouviu a pergunta : voltou de leve a cabeça, e respondeu : « Sou a mãe dos Gracchos. » e seguiu orgulhosa o seu caminho.

Em Roma levantarão em honra de Cornelia, ainda em sua vida, uma estatua de bronze, á cujos pés gravarão esta eloquentissima inscripção : « *A' Cornelia, a Mãe dos Gracchos* »

Esse premio honorificador foi justissimo e bem merecido

Cornelia, a mãe dos Gracchos, desempenhara completa e perfeitamente a missão mais elevada, mais patriótica, mais sublime que a natureza e a sociedade conferem á mulher, isto é, o myster da mãe de familia, o dever, e, mais do que o dever, o sacerdocio da educação dos filhos.

A mulher que educa seus filhos com as noções do

dever, com as lições e com a pratica das virtudes, e com a ennobrecedora luz dos direitos, é benemerita da patria ; porque prepara cidadãos prestantes e dedicados.

Ser boa mãe de família, educar zelosa e sabiamente seus filhos foi a gloria que deo á Cornelia a estatua de bronze em Roma, e o monumento da historia que perpetúa a memoria da illustre romana, e é a gloria mais subida e mais esplendida que a monina deve aspirar, e que a senhora casada, e a quem Deos concede a graça dos filhos deve sobre tudo empenhar-se em merecer ; porque ácima de tudo fulgura na sociedade, e perante Deos e por elle abençoada a mãe, que sabe ser mãe, como soube sê-lo *Cornelia — a Mãe dos Gracchos.*

DAMIANA DA CUNHA

No tempo em que o Brazil era colonia do reino de Portugal, D. Luiz da Cunha de Menezes, sendo governador da capitania de Goyaz, determinou chamar para o seio da civilisação com o emprego de meios conciliatorios e doceis os indios *cayapós*, guerreiros e indomaveis que tinham resistido á longos annos de hostilidades.

Em 1780 mandou elle um soldado intelligente seguido de cincoenta companheiros e tres indios procurar como amigo os *cayapós*, e mezes depois recebeu de volta o emissario que lhe trazia quarenta *cayapós*, com o maioral ou chefe da horda á frente delles.

Entre as mulheres *cayapós* vinha a filha do maioral, conduzindo além de um menino de poucos annos, uma menina apenas á mezes nascida, seos filhinhos.

O maioral attrahido por favores ficou com os portuguezes e ordenou aos seos guerreiros que fossem buscar muitos outros *cayapós*, fundando-se com essa gente as aldêas de *S. José e Maria*.

O governador levou á pia baptismal a netinha do chefe *cayapó*, á quem deo o nome de *Damiana* e o seo appellido *da Cunha*.

Damiana cresceo na aldêa de *S. José*, e mais tarde casou-se com um brasileiro : era senhora amavel e virtuosa, fallava bem o portuguez, e a lingua dos *cayapós*, que a tinham em grande consideração ; porque ella os amava, como irmãos.

Passados annos rebentou de novo a guerra entre os colonos e os *cayapós* : destes os que já estão aldêados fôrão ajuntar-se aos que vivião nos desertos : multiplicarão-se os combates e horriveis matanças.

Foi então que *Damiana da Cunha* começou a desempenhar a mais santa e gloriosa das missões.

Em 1808, aos vinte e oito annos de idade, ella sem levar comsigo soldados, e quasi só internou-se pelos sertões, e depois de mezes de ausencia voltou para a sua aldêa, trazendo mais de setenta *cayapós* de ambos os sexos que receberão o baptismo.

Em 1824 effectuou nova entrada ; e após sete mezes de trabalhos e de fadigas, trouxe a sua colheita—cento e dous *cayapós* para o catholicismo e a civilisação.

Em 1829 mais que nunca ameaçadores os *cayapós* selvagens fazião guerra tremenda. Damiana da Cunha já abatida e doente acudio á voz do presidente da provincia, que para ella appellaãva, e indo procurar os indios guerreiros, conseguiu serenar a tempestade, e restabelecer a paz.

Em Maio de 1830 pela quarta e ultima vez metteo-se pelo sertão e á 12 de Janeiro seguinte entrou de volta na aldêa de S. José com o seo bello sequito de *cayapós* conquistados ; já porém trazida em braços e quasi moribunda.

Os indios aldêados correrão á recebê-la ; o presidente da provincia com as autoridades do logar

a esperavão em triumpho ; mas tiveram de saudar a heroína na vespera da sua agonia.

Damiana da Cunha morreo suave e tranquillamente poucos dias depois.

Nascida nas trévas da selvaliqueza, amamentada aos seios da civilisação e da fé catholica, Damiana da Cunha foi exemplo de virtudes e de santa dedicação.

Protegida, distincta, elevada ácima dos fracos favores concedidos aos indios aldêados, nunca esqueceo que era filha e irmã de indios, e em sua afortunada posição soube ficar isenta daquella indigna e condemnavel vaidade que á muitos bafejados pela fortuna faz menosprezar os parentes humildes, pobres e infelizes com offensa da natureza, do dever, e da lei de Deos.

Amendo seos irmãos, Damiana da Cunha quiz contribuir para dar-lhe o maior bem, e o maior bem que vio para elles, foi a luz da fé catholica á guial-os pelo caminho do céo, e a escóla da civilisação a fazel-os entrar na sociedade geral e moralisadora dos homens na terra.

Mulher fraca, e pela educação quasi que delicada, sem deveres de missão, sem a magia, que a sciencia confere, sem o prestigio do padre missionario, apenas com a flamma da fé, e com a sabedoria do amor fraternal Damiana da Cunha quatro vezes sacrificou os commodos, e a doçura do fartolar domestico, e internou-se pelas florestas á procura dos cayapós ferozes e inimigos dos portuguezes com quem ella convivia.

A' encontrar-se com selvagens em furias de guerra nunca levou soldados; seos companheiros, e sua escolta erão seu esposo Manoel Pereira da Cruz, e um indio e uma india, José e Maria, *cayapós* como ella.

Avançando pelos sertões Damiana da Cunha tinha de atravessar caudalosos rios, de transpôr altas montanhas, de experimentar privações e fadigas em viagens que duravão mezes por inhospitos desertos, onde se via exposta ao assalto dos tigres, aos botes de horriveis serpentes e até ao furor dos odientos inimigos dos colonisadores, dos proprios *cayapós*, a quem ia procurar.

E tudo isso fazia, e o fez, quando já se achava alquebrada por soffrimentos physicos, e com a saude perdida, sem o mais pequeno interesse pessoal, e só por amor de Deos e do proximo.

Damiana da Cunha foi verdadeira heroína e o titulo que mais lhe assenta, é — *mulher apostolo*.

MLLE. DELLEGLACE

Foi no tempo sinistro do *terror* que enegreceo a revolução franceza.

Victima de injusta perseguição um infeliz *suspeito* foi remettido de Lyão, onde já se achava preso para a *Conciergerie*, em Paris.

Mlle. *Delleglace* joven e piedosa filha d'esse homem desgraçado, pedio ao conductor um logar na rude carroça, em que era levado seo pae, e repellido esqueceo sua constituição delicada e muito fraca, e seguio, acompanhou à pé a triste carroça, caminhando assim mais de cem legoas.

A extremosa filha sómente se afastava dos olhos de seo pae, quando em cada cidade ou povoação á que chegavão, hia preparar-lhe alimentos, ou, á noite, pedir, esmolar algum lençol ou coberta que facilitasse o somno do misero preso nos carceres, onde o recolhião.

Emfim as portas da Conciergerie separarão á força o pae e a filha.

Dellegiace que por sua virtude e paciencia conseguira abrandar os carcereiros, teve a esperança de commover os algozes.

Vivendo de esmolas, e da caridade de algumas pessoas que se apiedavão de sua innocencia, de sua dedicação e do seo amôr filial, ella durante tres mezes foi todas as manhãs apresentar-se aos membros da terrivel *Commissão de Salvação Publica*, chorando e implorando a vida e a liberdade de seo pae.

A falta absoluta de simples provas conjecturaes que autorisassem a marca de *suspeito* dada ao preso talvez não o salvasse ; mas o heroismo da joven pobre, e debil, sua virtude e suas lagrimas vencerão todas as resistencias e todo o medonho rigor da politica de sangue.

Mlle. Delleglace abraçou seo pae, e logo poz-se á camiuhô com elle de volta para Lyão.

Mas a piedosa e heroica filha, abatida, extenuada de forças, e em sua pobreza não tendo meios para transportar-se commodamente á Lyão, e caminhando sempre a pé, não pode resistir á fadiga, adoeceo na viagem e no fim de poucos dias expirou nos braços d'aquelle, que lhe déra, e que lhe devia — a vida.

E' uma historia triste ; mas suave, melodiosa, enlevadora, como a lenda de uma santa.

Mlle. Delleglace deixou á sua candida memoria todo o encanto do amôr filial.

Uma menina, uma joven senhora nunca resplende mais do que radiando com angelica piedade á soccorrer e amparar seos paes feridos pela desgraça ou abatidos pelas molestias.

Enem isso é virtude, é imperioso, indeclinavel dever, que Deos abençoá : a filha que não cumpre esse dever, è ingrata, e offende a natureza.

Quem póde ter mais direitos ao amôr, e aos cuidados do menino ou da menina do que aquelles que lhe dérão a vida, a criação, a educação, tantos des-

velos, tantas noites veladas, tantas lagrimas e tantas ancias nas doenças, ternura tam estremecida sempre?..

Mlle. Delleglace elevou o dever do amôr filial á virtude ; porque, pobre, sem protecção, e de saude fraca, fez prodigios de energia, foi heroina, e embora succumbisse á fadigas, e á soffrimentos superiores ás suas forças, morreo ao menos com a immensa consolação de ter alcançado a vida e a liberdade de seo pae.

DUQUEZA DE ABRANTES

Nasceu Laura de S. Martin-Permon, a duqueza de Abrantes em Montpelier no anno de 1784 : descendia por sua mãe da familia imperial de Comene : em 1799 casou-se com o general Junot, e o acompanhou em todas as suas campanhas até 1813, em que enviuvou.

O general Junot morreu em consequencia de feridas que á si mesmo fizera em accesso de loucura.

Esposa feliz, amante e amada, a duqueza de Abrantes começou desde então a experimentar

adversidades e desgostos á que soube resistir com a mais nobre coragem e dignidade.

Enviuvando aos vinte e nove annos de idade, não quiz passar á segunda nupcias, resolvida á occupar-se zelosa da educação de seos filhos.

A duqueza de Abrantes merecia consideração tam distincta, que em 1815, entrando os alliados em Paris, foi procurada e instada para que fizesse a retratacção de suas opiniões politicas ; ella porém honrou magnanima os principios que seo esposo seguira sempre e que erão tambem os seos, e não se aviltou, retractando-se aos pés dos vencedores.

Requerendo sómente o que era de seo direito, a duqueza de Abrantes sollicitou a effectividade de dotação estabelecida para seos filhos no tempo de Napoleão Bonaparte, sobre terrenos do dominio particular do rei da Prussia, o qual aliás em dous tratados consecutivos a reconheçêra valiosa.

O imperador Alexandre da Russia, admirador do character firme e varonil, e das virtudes da duqueza de Abrantes interveio espontaneamente á favor do que ella requeria ; mas o rei da Prussia

apenas declarou, que concedia e manteria a dotação ou pensão, naturalisando-se prussianos os filhos da duqueza.

A illustre e nobre senhora, recebendo a communição d'essa tam humilhadora condição, respondeu de viva voz ao ministro do rei :

— Os filhos do general Junot e da duqueza de Abrantes não se vendem, e nunca renegarão da patria de seo pae á troco de bens de fortuna.

Reduzida à fracos recursos e em breve á pobreza a duqueza de Abrantes nem um só dia mentio á sua magnanimidade : não pedio, nem esmolou favores, batendo ás portas dos ministros de Luiz XVIII, de Carlos X, e nem depois da revolução de Julho de 1830 aos de Luiz Philippe I.

Ella continuou a grande obra da educação de seos filhos, e trabalhou para elles e para si, escrevendo com applausos e animadora aceitação diversos romances, e, melhor, e mais util e importante do que todos elles, curiosa serie de *Memorias* historicas sobre o imperador Napoleão, o imperio, os *cem dias*, e sobre a restauração, abundando em revelações compromettedoras de notabilidades po-

líticas ainda florescentes, e em epigrammas de espirito subtil ; mas pungentes.

As *Memórias* da duqueza de Abrantes sem primar pelo estilo, recommendavão-se pela franqueza e veracidade dos factos e das revelações, pela rectidão dos juizos, e pelo atticismo dos remoques.

A publicação da serie dessas *Memorias* (que encherão *quinze volumes*) fez com que não poucos *antigos imperialistas* tornados *realistas modernos* e até o proprio sceptico Talleyrand se lembrassem de que a duqueza de Abrantes vivia e a fossem procurar e lisonjeal-a.

Magnanima e portanto isenta de odios ; mas conscienciosa e justa, e portanto sem indulgencias parciaes concedidas aos adutores por medo, ella escreveu até a ultima pagina de suas *Memorias* com o mesmo respeito á verdade, e com o mesmo juizo recto.

A duqueza de Abrantes sempre escrupulosa zeladora de sua independencia, e sempre resignada ; pobre porem, com a alma cheia de desillusões, e com o coração transido de desgostos, descansou, morrendo em 1838.

Como esposa dedicada, como estremecida mãe, com o senhora distincta não lhe faltão emulas, nem esposas, mães, e senhoras de merecimento igual.

Mas o que na duqueza de Abrantes foi muito menos commum, o que a elevou á typo digno de ser imitado, o que ella deixou como fulgente exemplo, foi a resignação veneranda nessa adversidade que durou vinte e cinco annos de 1813 até o fim de sua vida, foi a magnanimidade que sempre a exaltou durante esse tempo, foi sobretudo a coragem e a constancia no trabalho, com que soube haver pão para seos filhos e para si com absoluta independencia da protecção e do favor alheio.

Algumas senhoras viúvas, e mães pobres talvez se lembrem de dizer : « ella tinha em seo espirito cultivado, em sua imaginação de romancista, em sua illustrada memoria de philosopha testemunha de acontecimentos de grandes epochas fontes de recursos exploradas pelo talento, ou pelo genio. »

E' isso verdade ; mas é verdade tambem que são multiplices os recursos que o trabalho offerece.

O fuzo, a agulha, a tecelagem, o bordado, e a renda, o magisterio publico ou particular, todo serviço desempenhado com honestidade, cultivo de artes, exploração de officios rudes, o ferro de engommar, a propria enchada que peza tanto serão menos brilhantes do que a penna de romanista, e de memorista, que deo pão á duqueza de Abrantes e á seos filhos ; mas são nobres, dignos, e louvaveis, como essa penna ; porque a nobreza, a dignidade, e o louvor honorificão tanto a duqueza, como a costureira, e á lavadeira ; porque igualmente honorificão nellas o cumprimento da santa lei do trabalho, que só é trabalho santificado, quando é trabalho honesto.

Toda a senhora, trabalhando assim para resistir e assoberbar a adversidade, igualará em magnanimidade e em virtudes á duqueza de Abrantes tam justamente louvada por isso.

EPONINA

Eponina era virtuosa e feliz esposa de Julio Sabino, nobre senhora gaulez, quando este, transviado pela ambição, tomou o titulo de *cesar* no principio do reinado de Vespaziano que se proclamara imperador romano.

Vencido, e fugindo á vingança de Vespaziano, Sabino fez que se propalasse a falsa noticia de sua morte, e encerrou-se em um subterraneo de casa de campo de sua propriedade.

Julgando-se viuva, Eponina que ignorava o cauteloso e innocente ardil de seo marido, chorava-o

tam angustiada, que Sabino disse informado, comovido, e justamente grato ao amor da esposa, deo traços á fazêl-a sabedora do seo prudente, e misterioso azilo.

Corrêrão desde então nove annos da mais ter-na e zelosa dedicação da esposa modelo. Sempre á simular-se viuva, Eponina, pretextando recursos de retiro e de solidão para quem tam afflicta vivia, era quasi feliz, como d'antes, encerrando-se frequente no subterraneo, onde Sabino se occultava.

Alli deo a luz á dous filhos gêmeos, e diz-se, e alguns derão como certo, que em dias crueis, em que chegou á Sabino o tormento da fome, a esposa e mãe nutrio o esposo com o leite de seos peitos mil vezes abençoados.

Que seja embora filho da imaginação de coevos admiradores da virtuosa Eponina esse pretendido factó, póde bem dispensar tal episodio a esposa exemplar na sua epopéa de amôr conjugal.

Depois de nove annos de santa dedicação de Eponina, suspeitas malvadas seguirão essa angelica mulher á casa de campo, e descêrão com ella ao

subterraneo, que devia obrigar a veneração de todos os corações generosos.

Julio Sabino foi descoberto, preso, e em ferros conduzido para Roma acompanhado por Eponina.

A estremecida esposa levou nos braços seus dous innocentes filhos, e chegando áquella capital, conseguiu ir á presença do imperador Vespaziano, e debulhada em lagrimas, cahio-lhe aos pés, apresentou-lhe os filhinhos, e de mãos postas com elles, pediu-lhe o perdão do marido e do pae.

Vespaziano, á quem aliás attribuem reinado glorioso, manchou todas as verdadeiras ou supostas glorias do seu governo, mandando matar Julio Sabino e seus filhos.

Cantu, notavel historiador, falla em razões de Estado, desculpando a barbara crueldade d'esse imperador; mas havia nove annos que Julio Sabino se revoltára, e em nove annos de vida sempre cheia de terrores em fundo subterraneo pagára de sóbra as vertigens de sua fatal ambição. Vespaziano achou isso pouco e matou, ou fez morrer Julio Sabino !..

Mas seos filhinhos ?.. os filhos da admiravel Eponina, que crime tinham os pobres innocentes perpetrado ?.. Não ha, oh ! não ha violenta, implacavel necessidade politica, nem imaginaveis razões de Estado que attenuem a barbaridade de Vespaziano, ordenando e fazendo executar a morte de dous innocentes ainda na infancia.

Mas contrastando com a vingança feroz do imperador Vespaziano, fulgura para licção a virtude angelica de Eponina, symbolo do amôr, e da dedicação conjugal.

D. FRANCISCA DE SANDI

Em 1686 a cidade de S. Salvador da Bahia que era então capital do Brazil-colônia foi invadida por terrível peste, que parece ter sido a—*febre amarella*.

Tam grande era o numero das victimas, e tam geral a convicção de que a molestia era contagiosa, que o povo tomou-se de terror, e as familias e pessoas que dispunhão de recursos pecuniarios desertarão da cidade, onde os hospitaes já não chegavão para os doentes pobres.

D. Francisca de Sandi, viuva honestissima e rica, deo então o mais bello exemplo de caridade.

Em vez de fugir para o interior, como o estavam fazendo quasi todos os que tinham fortuna, transformou sua bella e grande casa de vivenda no mais aceiado hospital, e o abriu aos affectados pobres. Tratamento medico, dietas, e empregados forão pagos á sua custa, e, o que é mais, D. Francisca de Sandi foi a principal e incansavel enfermeira dos doentes do seo hospital, e era ella quem se encarregava de dispôr aquelles que tocavão o ultimo perigo da molestia, á receber os Sacramentos da igreja, e quem acompanhava e procurava consolar os agonisantes, dos quaes alguns expiravão nos seos braços.

El-Rei de Portugal D. Pedro II escreveu á D. Francisca de Sandi bem merecida carta de louvor e de agradecimento.

Não se exagera jámais o elogio de tanta virtude e de tanta piedade. Si chamão heróe ao habil e indomito guerreiro que sahe da batalha com a fronte curvada dos louros da victoria ; mas deixando o campo coberto de mortos, de moribundos e de feridos, como deverão chamar a senhora que com santa abnegação e caridade evangelica afronta a peste

e a morte para dedicar-se aos pobres que a epidemia ataca?... que faz de sua casa hospital para os pobres, que no hospital toma a parte de principal enfermeira, e que emfim ao lado dos agonisantes é o seu anjo de consolação no ultimo transe?

GRIZELDA

Nascida em Villannetta no Piemonte, filha de um pobre camponez, *Grizelda* ou *Grizelidis* vivia no principio do seculo XI, quando sua belleza e suas virtudes attrahirão a attenção e o amor de Gaultier marquez de Saluses que a levou para o seu castello, tomando-a por esposa no anno de 1003.

Grizelda deo ao marquez seo esposo um filho e uma filha e com as maiores provas de ternura e dedicação e com a pratica de todas as virtudes fez tudo quanto era possivel para que elle fosse feliz.

Mas Gaultier era excentrico e tinha todas as rudezas dos nobres senhores da edade media. Admirado sem duvida dos raros dotes do coração

da esposa determinou experimentar até que extremo chegaria a docilidade exemplar de Grizelda.

Um dia o marquez roubou os filhos á esposa, mandou-os educar em segredo e fe-los passar por mortos : depois sujeitou durante annos a mizera senhora á duras privações, e á aspero tratamento, e reduzio-a ás tristes condições de humilde serva em seo palacio, onde a obrigou á ser testemunha de reuniões e de festas que deverião atormental-a, e despedaçar-lhe o coração.

Grizelda naturalmente chorou ás escondidas o seo tam grande infortunio ; soube porém supporta-lo com a paciencia e a resignação de uma santa martyr.

Gaultier vencido emfim por tanto heroismo restituiu á Grizelda seos filhos no dia em que celebrou as nupcias delles, e com o inesperado encanto dos filhos que a pobre mãi chorara mortos, exaltou-a ainda mais com o seo amor de esposo ufano do thesouro de virtudes que possuia.

Petrarca e Boccacio apresentam eloquentes e justos a bella e doce Grizelda, como admiravel modelo das virtudes conjugaes.

Paciencia e resignação forão na mais cruel adversidade, em longos annos de provações os elementos da angelica fortaleza e os fundamentos do triumpho e da gloria de Grizelda.

Paciencia e resignação nos tempos de adversa fortuna, e de angustia, de injustos soffrimentos e de rigido infortunio, são as virtudes que mais recommendão e fazem realçar a mulher.

A ira em grita, o resentimento em resistencias e protestos violentos, a briga indecorosa, a palavra solta pela colera, os actos imprudentes são indignos da senhora de educação, e que sabe respeitar-se e além de tudo servem somente para compromette-la e torna-la menos acatada.

A *paciencia* e a *resignação* não são virtudes abatedoras, são as grandes fortalezas da mulher.

Fraca pela sua organização, rainha pelas delicadezas e pelo apuro natural do sentimento a mulher, com tanto que seja virtuosa, tem a sua maior força no que se afigura sua maior fraqueza.

Virtuosa, pela paciencia desarma e confunde a oppressão, pela resignação domina-a e triumpha.

Exemplo: Grizelda, a marquiza de Saluses.

AS HEROINAS DE TEJUCUPAPO

Os holandezes tinham em 1630 conquistado a cidade de Olinda e o Recife (então nascente povoado) em Pernambuco, e d'ahi, estendendo os seus dominios á fôrça de armas, occuparão as actuaes provincias brasileiras do Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas e Sergipe.

Em 1645 rebentou a gloriosa insurreição pernambucana, que no fim de quasi nove annos de guerra cantou completa victoria com a expulsão absoluta do estrangeiro invasor.

Mas antes d'isso quantos sacrificios heroicos, e quantas sanguinolentas pelejas !..

Em uma d'estas, na de *Tejucupapo* illustrárão-se esplendidamente muitas senhoras.

Foi no anno de 1646. Estavão os hollandezes em penuria de provisões de boca, e o almirante Lichtart, um dos seus mais bravos e habéis chefes, determinou ir tomal-as em *S. Lourenço da Matta*, onde os pernambucanos os tinhão em abundancia.

Lichtart sahio do porto do Recife com alguns navios, e levando boas tropas em força que julgou sufficiente foi desembarcar em *Tejucupapo*, cuja povoação queria surprehender para seguir logo em direcção á *S. Lourenço da Matta*.

A prever e prevenir ataque de hollandezes Agostinho Gomes, major de milicias, fizera construir a alguma distancia do mar um reducto, em cujo seio se achavão como em guarda as familias dos poucos habitantes de *Tejucupapo*.

Presentidos os hollandezes, Matheus Fernandes e mais trinta jovens, como elle tambem era, emboscárão-se nas mattas que bordavão a estrada communicadora de *Tejucupapo* com o reducto, e Agostinho Gomes com pequena força de milicias ficou á peito descoberto, defendendo a estrada.

Lichtart avançou com ardor : os jovens emboscados disimavão seos guerreiros ; Agostinho Gomes combatia, recuando ante o numero, e cahindo morto, nem por isso deixarão de pelejar os seos bravos companheiros.

E Lichtart avançava sempre, e já proximo se achava do reducto.

No reducto só havia crianças que choravão, e pobres mães, esposas e donzellas que tremião ao ruido da fuzilaria.

Então e em face do tremendo perigo uma nobre mãe tomou e ergueo como estandarte santa imagem de Jesus Crucificado e bradou energica : « ás armas !... Vamos defender o reducto, que é de Deos, da patria e da nossa honra ! »

Mães, esposas, noivas e donzellas corrêrão á tomar espingardas e lanças e á postar-se nas trincheiras : nem um só homem, ellas sós no reducto !

E era tempo : Lichtart tinha pressa ; porque os mancebos emboscados, e os milicianos batidos, mas já tambem occultos nas mattas, continuavão a matar seos soldados.

O bravo almirante ordena e dirige o assalto do reducto ; mas uma, duas, e tres vezes os assaltantes são rechaçados pelas *heroínas de Tejucupapo*.

Mais de uma extremosa mãe, mais de uma feliz amada esposa perdêrão a vida, mais de uma noiva não tornou a sorrir a seo futuro esposo ; Lichtart, porém, calculando as pêrdas que soffêra, e perdendo a esperança de tomar o reducto ; pois que além das suas heroicas guarnecedoras, continuava á atormental-o o fogo terrivel que sahia das mattas, deo a voz de retirada, e mandando conduzir os seus mortos e feridos foi confundido e furioso recolher-se aos seus navios.

Os pernambucanos celebrárão com o mais justo fundamento a gloria das *heroínas de Tejucupapo*. Se ellas não tivessem, defendendo o reducto, impedido a marcha dos hollandezes, Lichtart teria chegado á *S. Lourenço da Matta*.

Que nenhuma senhora deseje illustrar-se e cobrir-se de gloria em horrivel trance igual ; mas se alguma se achasse em tão afflictivo caso, como o de *Tejucupapo* por certo que não mentiria aos deveres, e ás brandas reservas do seo sexo, imitando

as heroínas de *Tejucupapo*, á que a historia da patria rende cultos, porque ellas se elevárão á altura do dever da occasião imponente.

A mulher que se faz guerreira, sahe, transpõe as condições suaves do seo sexo, e como que se desnatura. Ainda no horror da guerra a mulher, acudirio aos feridos, elevando a oração que lhe parte d'alma á Deos, offerecendo suas riquezas, suas joias de ouro e de brilhantes em auxilio da patria ultrajada, ou atacada por inimigo estrangeiro, satisfaz amplamente todo seo dever de patriota.

Mas em *Tejucupapo* o caso era excepcional, era desesperado: fóra do reducto e em face delle estavam pelejando, e sendo mortos os paes, os filhos, os esposos, os irmãos, e os noivos das senhoras deixadas ali, como em extrema guarda: vivrão pungentes nos corações de todas ellas as ordas mais sonoras e mais arrebatadoras da harmonia da natureza, e ainda ácima d'isso tudo estava rugindo horrivel a ameaça á liberdade, e á honra das nobres aziladas no reducto.

As defensoras de *Tejucupapo* não forão guerreiras desnaturalisadoras da brandura, e das con-

dições mimosas do seu sexo ; fôrão as gloriosas Amazonas do amôr de Deos, da patria, da familia, e da propria honra em violento e desesperado trance.

Não foi a vangloria, foi o extrêmo dever que as armou, e nessa extrema exigencia do dever essas nobres pernambucanas fôrão verdadeiras e admiraveis heroínas.

IZABEL, RAINHA DA INGLATERRA

Filha de Henrique VIII e da desgraçada rainha Anna Bolena, Izabel nasceo em 1533 e subio ao throno da Inglaterra em 1558.

Como rainha, e assignalada estadista, pode-se dizer que Izabel foi, senão o maior, um dos maiores *homens* do seo tempo : animou e fez prosperar a agricultura, a industria, e o commercio, desenvolveo a marinha de guerra, zelou a economia nas despezas publicas do seo reino ; combateo no mar, na França e nos Paizes Baixos contra o poder de Felipe II de Hespanha, o chamado demonio do Meio Dia, creou os mais fecundos elementos da pu-

jança da Inglaterra, cujo engrandecimento preparou com o seu ultimo acto politico e de effeito d'além tumulo, designando para succeder-lhe no throno á Jacques, filho de Maria Stuart, e rei da Escossia, cuja união com a Inglaterra assim promovia e assegurava.

Foi por serviços taes grande rainha sem duvida, e energica e habilissima patriota ingleza incontestavelmente; mas exerceo governo quasi absoluto; raro e como de má vontade reunio o parlamento, e succedendo na corôa á sua irmã Maria, a *Catholica*, tambem chamada a—*Sanguinaria*, pela perseguição cruel com que atormentou e fez morrer á muitos sectarios da igreja anglicana fundada por seu pae, Izabel em reacção anti-catholica, não poupou medidas violentas e da mais rigida oppressão.

A historia, honrando o alto merecimento de Izabel que em seu governo foi *consummado estadista inglez*, lamenta apenas seus abuzos prepotentes, e o seu por vezes condemnavel despotismo de rainha.

Essa rainha, porém, de tanta fortaleza, de tanta energia politica, teve tristes e amesquinadoras fraquezas de mulher vulgar.

Izabel era vaidosa apesar de não ser bonita : por isso mesmo abria facil o animo á ciumes immodestos ; nunca, posto que instada pelo parlamento, se prestou á tomar por esposo principe algum ; queria porém ser admirada por belleza, que não tinha, e receber adorações insensadoras da sua vaidade, que em impectos ciumentos, levou-a até a falsidade e a traição.

Ella attrahio á insidioso azylo na Inglaterra a infeliz, perseguida, e *formosa* Maria Stuart, rainha da Escossia ; tornou logo o azylo em estreita prisão, onde a conservou captiva dezoito annos, e por fim á pretexto de connivente em conspiração tramada para libertal-a, fez morrer no patibulo essa princeza que se tinha confiado á sua protecção e á sua generosidade.

O sangue de Maria Stuart manchou para sempre a memoria da rainha Izabel.

Nem o pretexto da conspiração, nem a por alguns supposta politica egoista, mas conveniente á Inglaterra explicação e ainda menos attenuão o horror da morte dada á infeliz princeza.

Izabel era inimiga de Maria Stuart, á quem nunca perdoou a fama de sua belleza. O ciume, a inveja de mulher levarão a rainha da Inglaterra a armar o braço do algoz para decepar a cabeça menos da rainha da Escossia, do que da princeza, cuja formosura tam exaltada fôra, e tam famosa ficara.

Eis ahi pois uma rainha dotada de genio político, de intelligencia capaz de grandes comprehensões, que chegarão á abarcar horisontes do futuro, e de força de vontade e de energia de acção para vencer todos os obstaculos e todas as contrariedades, e realizar seos planos de estadista inglez, eis ahi a rainha Izabel, cahida no chão de miseras fraquezas de mulher pela vaidade, e pela baixa paixão do ciume !...

A vaidade feminil, e o envenenamento moral do ciume, que amesquinharão, e comprometterão a gloria, e que até nodoão a memoria d'essa mulher, que foi celebre rainha, são perigosas e condemnaveis paixões que ameação com o infortunio, com as mais tristes desillusões, com offensas da modestia e do dever, com o descredito, e até com indeleveis

nodoas a vida toda de qualquer senhora menos pudica, e menos prudente, ou por fraca mais escrava desses sentimentos perversores da imaginação e do coração.

A vaidade é principalmente na mulher o demónio da imaginação, o espelho mais falso, o desvanecimento mais traçoeiro, e mais fatal muitas vezes; porque é o ponto fraco, a brecha deixada aberta na fortaleza da virtude feminil.

O conhecimento e o reconhecimento da belleza de uma senhora dependem de juizo estranho, da opinião dos outros, e a melhor prova da insensatez da vaidade feminil é que não raramente se veem mulheres *feias* á ostentar-se *vaidosas*.

A *vaidade* nas meninas e nas senhoras formosas é apenas jaça no brilhante da formosura. Sómente a modestia póde exaltar a belleza: a vaidade é como nuvem pezada que mingua o brilho dos raios do sol.

A vaidade é emfim a gloria vã, e o martirio certo; porque ainda na mulher mais bella, os dotes *physicos* murchão no fim de alguns annos, e a pobre, insensata vaidade não morre; porque em cas-

tigofica atormentada na mortalha dos cabellos brancos, e nas sepulturas das rugas da mulher que por ventura foi a mais bella, e que as molestias desfigurarão, e que com certeza a idade desbotou.

E a paixão do ciume é mil vezes peor ; porque è mil vezes mais baixo, e mil vezes mais desatinador.

O ciume não é o zelo, é corrupção do zelo ; porque este é nobre pela sua origem e razoavel pelos limites que respeita, e aquelle mil vezes desenfreado se precepita no erro e mesmo no escandalo.

E a inveja é peor ainda : atormenta-se pelo bem, e pelo merecimento alheio, e deseja abatel-os; mas concentrada roe constante o coração do invejoso, que vê sempre superioridade na pessoa invejada.

JOANNA D'ARC

A *donzella d'Orleans*, como a denominarão, nasceu em 1410 em Domremy, perto de Vaucouleurs seu pae, Jacques d'Arc, era simples camponez, e ella foi pastora até os dezoito annos de idade, sem instrucção ; muito religiosa porém.

A França estava em periodo (já bem longo) de horriveis provações : duas terças partes do reino estavam conquistadas pelos exercitos da Inglaterra, que assolavão suas provincias, e avançavão victoriosos para completar a conquista.

Joanna d'Arc profundamente commovida e afflicta pelos desastres e infortunios de sua patria, rezava frequente, pedindo á Deos que salvasse a França.

Um dia, e depois em outros a joven e rude pastora, modestissima e virtuosa donzella foi tocada por visões sobrenaturaes, que lhe conferião a missão de *salvar a França*.

Joanna d'Arc, ardente de patriotismo e de fé, e irresistivelmente impellida pelas extraordinarias visões em que do poder de Deos lhe vinha a missão gloriosa e heroica, deixou seo campo e seo rebanho, e vencendo mil perigos, descrenças, zombarias, e até indignas suspeitas offensivas de sua virtude, conseguiu depois de teimosas recusas, apresentar-se ao rei Carlos VII em sua triste côrte de Chinon na Turena, e fazel-o acreditar em sua missão divina.

Credulo, mas ainda temeroso o rei apenas confiou áquella joven de desenove annos o commando de muito limitada força militar ; em breve porém exultou, sabendo que a joven inspirada voara á frente de seos soldados á Orleans, unica praça importante que restava á França, e que em oito dias de inclitas proezas, fizera levantar o cerco em que a apertava numeroso exercito inglez posto em confundidora retirada.

Os soldados da França electrizados se reanimaram, acclamando com enthusiasmo a *donzella de Orleans*, a qual sempre convicta de sua missão divina, annunciou que levaria o rei á *Reims* para ser ali sagrado, e com effeito penetrou com o exercito em paiz occupado pelo inimigo, bateo os inglezes, tomou-lhes praças, venceu Talbot na batalha de Patay, entrou em Reims, e assistio jubilosa a sagração de Carlos VII.

A victoria se voltara para as armas da França, os inglezes recuavão batidos, o exercito francez rehouvera aquelle ardor impectuoso e entusiasta, que o torna invencivel, e emfim o rei acabava de ser sagrado em Reims. A inspirada dice á Carlos VII: «minha missão terminou aqui.»

Os pedidos, as instancias do rei não deixarão Joanna d'Arc retirar-se como desejava e queria.

No anno seguinte, em 1430 a *donzella d'Orleans* avançou em soccorro de Compiagne que os inglezes e borguinhões assediavão, e em uma sortida cahio prisioneira.

Opprobio, de que o tempo não póde lavar a mancha!... Os inglezes odientos e ferozes fizeram con-

demnar Joanna d'Arc como *feiticeira* por inique tribunal presidido por Cauchon, bispo de Beauvais, creatura de Henrique V rei de Inglaterra, e a heroína tornada martyr foi queimada viva em Rouen á 30 de Maio de 1431, isto é, aos vinte e um annos de idade.

Joanna d'Arc, a heroína e martyr, a *donzella d'Orleans*, como foi e ficou sendo chamada, resplendeo ainda pela pureza de seos costumes, pela candidez e pela honestidade do seo proceder.

Religiosa e patriota, transportada pelos dous mais nobres e santos sentimentos, obedecendo á visões sobrenaturaes fez mais do que cumpria ao seo sexo, foi bater-se como guerreira inspirada contra os inimigos conquistadores da sua patria; mas bateo-se lealmente e expondo-se á todos os perigos da guerra.

A Judith da antiga Escriptura está longe de igualal-a; porque Judith empregou meios traçoeiros, que não amesquinharão a gloria radiosa e pura de Joanna d'Arc: Carlota Corday não lhe chega aos pés de heroína, porque Carlota Corday foi, bem intencionada embora, fanatica politica impellida até

o assassinato, que a moral condemna, e deve absolutamente condemnar.

Joanna d'Arc é typo de verdadeira heroína ; mas excepcional, fóra das condições ordinárias; porque procedeo, e fez o que fez inspirada por Deos, ou profundamente convencida, de que o era, e tam convencida, ou tam divinamente illuminada, que em Reims declarou *que sua missão terminara*, e só apezar seo e em obediencia ao rei não se retirou do exercito, como resolvera fazel-o.

Joanna d'Arc é portanto maravilhosa heroína inspirada, que obriga a admiração : sua memoria deve ser como um abysmo de flores e de bençãos. Inspirada de Deos ella foi anjo salvador da patria. mas não è, não deve ser exemplo, cuja imitação se aconselhe.

Imitem-se as suas virtudes de candida e preclara donzella ; tenha-se na maior adversidade esperanza e fé em Deos como ella teve; ame-se a patria, como ella amou a sua, e basta : a inspiração divina que a impellio quer fosse verdadeira, quer supposta, mas conscienciosamente acreditada. e obedecida, essa não se imita ; porque seria lou-

cura pretender a limitar milagrosa influência de Deos, ou mesmo a santa allucinação, que fez da modesta e rude pastora de Vaucouleurs maravilhosa inspirada.

D. JOANNA DE GUSMÃO

Oriunda de distincta familia paulistana, no Brazil, irmã de Alexandre de Gusmão, celebre e abalizado diplomata, e de Bartholomeo de Gusmão, o inventor do areostato, e por isso chamado o *Voador*, Joanna de Gusmão nascida como elles na antiga villa, depois cidade de Santos, recebeu de seus paes educação zelosissima e piedosa que a tornou exemplar de virtudes catholicas.

Casada com estimado e rico agricultor, depois de annos da mais feliz vida, foi accommettida por dolorosa enfermidade, e levada emfim pelo marido á *Fonte Santa* (remanso das aguas do rio Iguape em recanto de pouco fundo) que passava por milagrosa, restabeleceo-se em pouco tempo:

Indo então com o esposo render graças á Deos na igreja de Nossa Senhora das Neves, onde se adorava a imagem do Senhor que conforme a tradição, santificara aquella fonte, ficarão tam vivamente impressionados, que ambos fizeram voto *de não passar á segundas nupcias e de peregrinar pela terra, servindo piedosamente á Deos e ao proximo aquelle que sobrevivesse ao outro.*

Joanna de Gusmão achou-se viuva, passados alguns annos, e cumprio á risca, e de modo sublime o voto que fizera.

Repartio com os parentes, e com os pobres quanto possuia; tomou pezado habito negro de burel, poz ao pescoço e pendente sobre o habito a imagem do *Menino Deos*, e sahio á peregrinar, e á pedir esmolas.

Absolutamente só, e sempre caminhando á pé em suas peregrinações, dirigio-se para o sul, atravessou a parte da provincia de S. Paulo que depois formou a provincia do Paraná, e foi chegar a de S Catharina, pela qual se adiantou.

Viajando por desertos, e exposta, sempre só e á pé, as feras e aos selvagens, nunca experimentou

perigo algum, e quando chegava á fazendas, ou ritos de gente civilisada, era recebida com o nome de *Mulher Santa*.

Após longos trabalhos, e boa colheita de esmolas em aturadas e constantemente repetidas peregrinações, Joanna de Gusmão obteve de André Vieira da Roza a doação de dez braças em quadro de terreno na povoação mais tarde cidade de Nossa Senhora do Desterro, capital da provincia de S. Catharina, e ahi fundou a capella, ou antes a igreja do *Menino Deos*, e uma casa contigua á ella e de plano destinada á mais santa instituição.

Obras da igreja, paramentos para os sacerdotes, construcção da casa, que era sonho evangelico, despezas do culto divino, tudo se effectuou á custa das esmolas que a *Mulher Santa* recolhia em suas peregrinações.

De 1773 a 1774, e ella tinha então mais de oitenta annos, Joanna de Gusmão sabio de S. Catharina, e andou pedindo esmolas para a igreja do *Menino Deos* na cidade do Rio de Janeiro e em suas circumvisinhanças.

A fama sublimisadora da *Mulher Santa* precedia

á chegada da humilde peregrina á pedir esmolas. Ella voltou do Rio de Janeiro ou rica ou abastada para tudo empregar no serviço de Deos e do proximo; chegando, porém, á S. Catharina, reconheceo que suas peregrinações não podião continuar.

A idade (era de oitenta e seis annos), as fadigas de viagens longuissimas feitas á pé, as penitencias e as privações não permittirão á Joanna de Gusmão mais peregrinações.

Então a *Mulher Santa*, já tam velha e cansada, realisou o seo bello sonho do amor do proximo, abrindo na casa contigua á igreja do *Menino Deos*, eschola de instrucção primaria e de ensino moral para as *meninas pobres* das quaes se fez mestra e directora.

As mais ricas familias de Santa Catharina se empenhárão em confiar a educação de suas filhas á *Mulher Santa* que a todas rcebeo e tratou igualmente sem distinguir a condição da fortuna dos paes.

A' ensinar á lêr, a escrever, e á executar as quatro operações primarias da arithmetica, á que chegava toda a sua sabedoria de professora, e á aprofundar e firmar santos preceitos de moral, e exemplares licções de humildade, de pureza de costumes, e do angelicas virtudes, Joanna de Gusmão sublimisou seos ultimos annos até que morreo, sorrindo para o céo, aos noventa e dous annos de idade.

Em S. Catharina o lucto foi geral. Chora-rãotodos, ricos e pobres, a morte da *Mulher Santa*.

D. Joanna de Gusmão deixou exemplo que não se aconselharia prudentemente á ser imitado ; pois que raras serião as senhoras dotadas da extraordinaria abnegação, e da fortaleza de espirito e de corpo para fazer quanto ella fez. Ha creaturas como que privilegiadas, *mulheres santas*, que em suas virtudes praticas e maravilhosas attingem gráo de sublimidade á que não podem chegar as condições ordinarias da mulher pela fraqueza natural do seo sexo, e até pelos proprios restrictivos preceitos da educação cautelosa, defficiente de iniciativa, e toda

de amesquinhado viver passivo, que a sociedade lhe impõe.

O que Joanna de Gusmão conseguiu, cumprindo seo religioso voto de peregrinação foi tam admiravel que quasi toca o maravilhoso; fora porem desainizado ou imprudente semear no coração de uma menina idéas de imitação daquelle sublime voto de modo à fazel-a sahir annos mais tarde só-sinha, á pé, por desertos e povoados, exposta, naquelles á braveza das feras, e nestes à malicia e a maldade dos homens, embora em santa peregrinação, pedindo e recolhendo esmolas, não para si, mas para o serviço de Deos e do proximo.

Esta illustre e gloriosa brazileira, D. Joanna de Gusmão, a *Mulher Santa*, deixou outros exemplos, que as meninas devem apreciar bem para seguil-os e observal-os em toda sua vida e em qualquer estado: ella foi modelo de *humildade*, de *pureza de costumes*, de *caridade*, e de *generosa dedicação á pratica das virtudes catholicas*. Ella foi *filha obediente* e *amou extremosamente seos paes*; foi *esposa typo de amor conjugal*, de *recato*, e de *doce consolação de seo esposo*; foi *viuva honestissima* e

venerada pelo culto honorifico e puro que prestou á memoria do consorte finado.

No serviço de Deos e do proximo Joanna de Gusmão ensinou em S. Catharina á muitas meninas pobres e ricas a instrucção primaria, que é muito, e a lição do dever e das virtudes, que é ainda mais, porque é o essencial ; e ensinou gratuita, benefica, incansavel, dedicadamente até morrer quasi centenaria.

Serão abençoadas por Deos, e resplendentes glorias da patria as meninas que se exaltarem, sendo como filhas, e sabendo ser mais tarde em qualque estado iguaes á Joanna de Gusmão, embora não a imitem em sua religiosa, e sublime peregrinação.

LUIZA AMELIA, RAINHA DA PRUSSIA

Nascida em Mecklembourg em 11 de Março de 1776, filha do duque Carlos de Mecklembourg Strelitz, Luiza Amelia notavel pela sua belleza e ainda mais por suas virtudes cazou em 1793 com o principe real, depois rei da Prussia Frederico Guilherme III, que a amou extremadamente até que a morte lh'a roubou em 19 de Julho de 1810.

Os prussianos ainda hoje exaltão a memoria da princeza real e rainha Luiza Amelia, que foi para elles cofre sempre aberto de beneficencias, coração dulcissimo, mãe extremosa do povo, mimosa e potente *advogada do perdão*, orvalho de ouro á suavizar penurias no seio de familias pobres, e

emfim patriota allemã, que nunca se abateo desanimada em face dos grandes desastres da Prussia.

Ella soube mostrar-se verdadeira, dedicada e sem duvida magnanima *consorte* de seo esposo : quando Frederico Guilherme, levando a Prussia á quarta coalisção europea contra a França, e após as duas desgraçadas campanhas de 1806, e 1807, e da occupação de Berlim pelas aguias francezas, recebeu o golpe terrivel da paz de Tilsitt, que entregou á Napoleão vencedor metade das provincias prussianas, a prostração dos animos, o desespero da causa da patria forão geraes pelo menos ao pronunciar-se aquella tremenda adversidade ; foi porém nesses dias sinistros que mais se avivou em virtude, em coragem, e em força de confiança no futuro a esposa, e rainha Luiza Amelia.

Com o seo amor santo e suavissimo consolou o real esposo tam esmagado por sinistra fortuna, com o seo esclarecido, e como que vidente espirito acendeo-lhe no animo esperanças de melhor e não tardo futuro, e ensinou-o á aguarda-lo placida, sabia e religiosamente, dirigindo com actividade e zelo a educação

de seus tres filhos, e semeando flores na estrada da sua vida em enchentes de actos de beneficencia e de caridade.

A rainha Luiza Amelia não vio a regeneração da Prussia, que preannunciara, consolando seo esposo: morreo, como ficou dito em 1710 aos trinta e quatro annos de idade e em todo o fulgor de sua famosa belleza, que alias era o menor dos seus thesouros de disdinctissima senhora, que ainda não tendo sido rainha nem princeza, digna seria, como foi, do mais bello throno na memoria agradecida do povo, do qual fora inexgotavel fonte de beneficencias, e no justissimo culto da Prussia, que a honra e admira, como patriota magnanima, e lucifera de animação, de esperanza, e de previsões ou de robusta confiança asseguradora da regeneração e da gloria da monarchia prussiana.

Na pratica de virtudes, e no cumprimento do dever Luiza Amelia, como mulher e como rainha deixou exemplar lição.

Na terra tem coroa real em sua fronte de princeza, a historia cinge o seo nome com a perpetuidade da coroa da benemerencia humanitaria e patriotica, e ainda outra, a sublime e eterna Deus já lh'a deo ou reserva em premio de suas virtudes.

D. MARIA JOAQUINA DOROTHEA DE SEIXAS

Como Laura de Noves, a *bella Laura*, que Petrarca immortalisou em suavissimas poesias, D. Maria Dorothea recebeu nas doces lyras de Dirceo igual immortalidade.

Volvão-se e caião embora no escuro abysmo do passado os annos e os seculos os nomes da *bella Laura* e da *bella Marilia* não poderão ser esquecidos; porque hão de perpetuar-se com os sonetos, as odes e as canções de Petrarca, e com as lyras do desembargador Thomaz Antonio Gonzaga — o Dirceo.

D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas, era bra-

zileira natural de Villa Rica, actual cidade de Ouro-Preto e capital da provincia de Minas-Geraes, donzella formosissima, foi ardentemente amada por Gonzaga, que estava prestes a despòs-la, quando compromettido na conspiração chamada do Tiradentes, foi preso, condemnado a morte, e por commutação da sentença desterrado para Moçambique.

Na horrivel prisão onde jazeo por mais de dous annos, Gonzaga fazendo do cabo de uma laranja —penna—, do borrão da candeia—tinta— escrevia nas paredes do carcere as mais admiraveis e melancolicas lyras cheias de santo amor á *bella Maria*.

Laura, tambem celebre pela sua belleza, era cazada, e Petrarca, amando-a, embora sem esperanças, foi menos respeitoso e circumspecto, ostentando o seo amor posto que infeliz, nas mais enlêvadoras melodias poeticas.

Gonzaga mentio ao encanto indizivel do sentimento inspirador de suas lyras, cazando-se na terra do desterro, bem que possa desculpar-lhe a

infidelidade á bella Marilia a perturbação de suas faculdades mentaes.

Petrarca vio Laura descer á sepultura, e sobrevivendo-a longos annos, amou fiel sua doce memoria até o fim de seus dias, como sem esperança a tinha amado nos esplendores da vida.

Eis ahí dous poeticos amores, e duas immortalidades pelo condão do amor, e pelo prestigio da belleza, que podem inflamar a imaginação das donzellas inexperientes, e desorienta-las com exaltação de vaidosos sonhos.

Que não lhes eclipse a razão o brilho da celebridade da *bella Laura*, e da *bella Marilia*,

O que se deve louvar, e *perpetuamente* receberá applausos e justissimos cultos é em *Laura de Noves* a sua radiosa fidelidade de esposa casta e virtuosa, e em *Maria Dorothea* sua candidez e angelica pudicicia. Em uma e outra é sómente isso que cobre de flores que não podem murchar a doce memoria de seos nomes e da vida de ambas.

A *vangloria* da belleza é tam *gloria vã*, que o tempo a destroe em alguns annos, e que alguma de cem molestias pode destruir em poucos

dias, e até mesmo em poucas horas, ou momentos. Que vale para fundamento de gloria o dom casual da natureza, que com certeza o tempo, ou algum de mil accidentes possiveis annulla ou faz desaparecer?...

E a propria celebridade de *bellas* que á Laura de Noves e á Maria Dorothea lhes vem das suavissimas poesias de Petrarca e de Gonzaga que esplendido fulgor dão á ellas?... apenas reflexo de raios de luz alheia, *esplendido fulgor* que não é dellas, e que sómente como de emprestimo, e occasionalmente lhes aproveita.

O que se applaude e se admira nos sonetos, odes, e canções de Petrarca, e nas lyras de Gonzaga não é por certo a belleza de Laura e de Maria Dorothea, é exclusivamente a doçura e o primor dos cantos daquelles poetas.

Envolvão-se rosas e violetas no véo branco de uma jovensinha : dentro em pouco o véo recenderá em aromas suavissimos, que aliás não são delle, mas só devidos a exalação daquellas flores ; melhor porém, muito melhor do que esse perfume

reio e emprestado o véo branco tem o seo en-
to proprio, e o mais doce enlevo, como sym-
lo da innocencia e da pureza da jovensinha que
raz.

MARIA SIMON

Alle mã, nascida em Dresde, Maria Simon já muito estimada pelas suas virtudes, e pela pratica da caridade sem ostentação, era a oito annos simples e veneranda senhora viuva, absolutamente isenta de paixões já pela idade, já pela educação e pureza de costumes, e livre de cuidados de futuro pelo gozo de fortuna não opulenta ; ao menos porem abastada, que em sua vida simples alias não sabia augmentar ; porque os indigentes e sobre todos os doentes pobres partilhavão em alto grão os seus rendimentos.

Rebentando em 1870 a guerra entre a França e a Prussia, guerra que tomou character nacional

na Allemanha, algumas senhoras allemãs se distinguirão, acompanhando os exercitos germanicos para cuidar dos doentes, e dos feridos nas batalhas.

A viuva Maria Simon excedeo, sobresaio á todas as dedicadas patriotas allemãs : logo que se apresentou, pedindo um logar entre as enfermeiras dos soldados doentes ou feridos na guerra o governo da Saxonia que conhecia seo zelo e suas virtudes, a nomeou directora dos hospitaes volantes e de sangue na campanha que terrivel se hia abrir.

Maria Simon servio nesse grandioso myster altamente humanitario desde o principio até o fim da guerra : soube desempenha-lo sublime, ainda mais allemã do que saxonia, e ainda mais humana do que allemã : levàra para os horrores da guerra o evangelico sentimento da caridade, e aspirando e pedindo á Deus a victoria, o triumpho da Allemanha, directora dos hospitaes saxonios, e após formidaveis e horriveis batalhas á prestar soccorros á moribundos e á feridos, nunca perguntou á algum delles, se era allemão ou francez.

Mas a doçura, a paciencia, a dedicação heroica, as insomnias, a actividade no evangelico serviço de Maria Simon durante essa guerra tremenda foram taes, que todos os soldados allemães, e quiça francezes feridos derão-lhe o nome, que se tornou geralmente adoptado de « *Mãe Simon* ».

Mae Simon, mae; que lhe dessem o titulo de duqueza, ou de princeza Simon, já ella tinha titulo o mais alto e sublime na hierarchia da natureza, o titulo de *Mãe* de centenas de mil soldados.

Quando a guerra terminou Maria Simon, se quizesse ostentar os galardões honorificos dos seus serviços, não lhe chegaria o peito para as condecorações e medalhas com que a agraciarão exponlaneamente os principaes Estados da Allemanha.

Na rude campanha porem a veneranda senhora esgotara suas forças, sacrificara mais do que comodos, a saude em noutes seguidas e inteiras passadas á tratar de feridos, em marchas violentas, em ancias de perigo, em trances que mal se imaginão.

Terminada a guerra, fechados os hospitaes,

de que acabava de ser gloriosa, admirável directora, recolheu-se á sua caza, ao seo retiro modesto, sem duvida consolada pela consciencia do desempenho do santo dever; quasi porem invalida pelo excesso de actividade humanitaria, que a fizera esquecida, insensivel aos seus soffrimentos na exaltação do amor do proximo.

De 1871 até o principio de 1877 a vida de Maria Simon foi de padecimentos que progressivamente se aggravarão. Paciente e resignada a heroina da caridade esperou tranquilla a morte, que enfim veio abrir-lhe o caminho do cèo.

O cortejo funebre da simples, modesta, e virtuosa viuva Maria Simon foi o que seria o de grande princeza, ou de rainha de algum Estado, e mais do que isso, foi o de—*mae adorada*— de immenso povo á chorar sua perda.

Ao mais luzido concurso official e expontaneo, aos ministros, e aos nobres da alta aristocracia, aos ricos e poderosos ajuntou-se numeroso e eloquente acompanhamento de pobres e desvalidos á levar ao ultimo jazigo os restos mortaes da veneranda Maria Simon.

Mereceo e teve ella a maior gloria que na terra pode aspirar uma—mulher.

Sempre beneficente, esmoler e piedosa, foi, quando rompeo formidavel guerra, para os campos de batalhas, expoz-se mil vezes à morte ; mas não desnaturou seo sexo, ostentando-se heroína bellicosa, honrou e sublimou seo sexo fulgindo no fervor e no fim de pelepas mortíferas só e exclusivamente, como santa missionaria, como anjo de caridade.

A historia da Allemanha dará a historia do mundo civilizado bellissimo exemplo, suave projecção de santo raio de luz etherea no quadro das virtudes, na exaltação do patriotismo, e na evangelica pratica da caridade de *Maria Simon*, que soube amar á Deos sobre todas as couzas, e ao proximo, como a si mesma.

D. MARIA URSULA DE ABREU E LANCASTRE

D. Maria Ursula de Abreu e Lancastre, natural de Rio de Janeiro, filha de João de Abreu de Oliveira, tinha apenas dezoito annos de idade, quando escapou-se da casa paterna, e tomando vestidos de homem, embarcou para Lisboa, e ali assentou praça de soldado á 1 de Novembro de 1700 com o nome de Balthazar do Couto Cardozo

Tendo seguido á militar na India, illustrou-se pela sua coragem e indomito valor em muitas pe-
lejas.

No terrivel assalto de Ambaca foi um dos primeiros á penetrar na fortaleza : na tomada das ilhas de Corjuem e Panelem distinguio-se tanto

que teve a nomeação de cabo do baluarte da Madre de Deos na fortaleza de Chaul e ahi immortalisou-se pela bravura com que se bateo em todos os ataques do inimigo sempre rechaçado.

Ainda em outros combates assignalou-se a joven guerreira até que em 1714 obteve baixa e casou-se com Affonso Teixeira Arras de Mello, official valente e que poucos annos antes fora governador do forte de S. João Baptista.

Em 1718 o rei D. João V fez a D. Maria Ursula mercê do paço de Panguim por seis annos e de um serafim por dia (moeda que valia cerca de trezentos reis) com a faculdade de testar em seos descendentes, e em falta delles, em quem lhe approuvesse.

Maria Ursula foi sempre muito estimada pela sua honestidade, e depois de casada objecto de veneração de quantas com ella tratavão pelas suas virtudes e exemplar comportamento ; mas ainda depois de casada preferia trajar o seo uniforme militar. Não voltou á Portugal, nem ao Brazil, sua patria, e morreu em Goa.

Maria Ursula de Abreu e Lancastre está longe de ser modelo digno de offerecer-se ás suas irmãs do sexo feminino.

Começou, fugindo aos dezoitos annos da casa de seos paes, dizem uns que por exaltação de animo, e romanesca ambição de gloria marcial, asseverão outros que assim procedera por vivo resentimento da opposição paterna á casamento de affeição que ella muito desejava.

Não ha explicação que desculpe D. Maria Ursula : o acto de abandono da casa paterna foi muito reprehensivel e desairoso : o primeiro dever de uma filha é o amor, o respeito, e a obediencia á seos paes que são os seos melhores amigos e os mais interessados em sua felicidade.

Sem duvida a bravura e os feitos brilhantes da joven guerreira nas pelepas da India excitão a admiração e dão na verdade á D. Maria Ursula gloria indisputavel ; mas em todo caso impropria do sexo feminino.

A mulher tem em horizontes mais bellos e suaves, do que nos campos sanguinolentos das bata-

lhas, a sua maior e verdadeira gloria. A mulher que desempenha perfeitamente a missão de mãe de familia attinge o grão mais subido de sua gloria possivel no mundo, nem pode prestar serviços, nem exaltar-se por acções ainda as mais estupendas, que igualem o serviço immenso, e a obra monumental da esmerada educação dada aos filhos.

A mulher não nasceo para a guerra, nasceo para fazer o encanto, a paz, a felicidade do lar domestico : o que melhor lhe cabe, néo é ir colher louros marciaes que sempre vem cheios de sangue, é recolher os gozos puros e secretos do exercicio da caridade, que enxuga lagrimas e espalha consolações.

O que mais recommenda D. Maria Ursula, o que mais admiravel e verdadeiramente bello fulge em sua vida, o que da sua historia deve ficar como exemplo, é a esplendida virtude com que em treze annos de serviço militar e de campanha soube conservar-se tão honesta, tam casta que mereceo depois e pobre como era, ser desposada por um official militar, portuguez de nobre familia que como ella se illustrara nas guerras da India.

A PRINCEZA DE LAMBALLE

Maria Thereza de Saboia Carignan nasceu em Turin no anno de 1749 ; casou-se com Luiz de Bourbon Penthièvre, principe de Lambelle, e achou-se viuva aos dezenove annos de idade.

Era muito formosa, de fina educação, e rica ; não quiz porém passar á segundas nupcias, conservou-se fiel á memoria amada de seo joven esposo, que a morte lhe roubara tam prematuramente e na corte leviana da França, em Paris, onde morava, distinguia-se pelas suas virtudes.

Em 1774 foi nomeada superintendente da casa da rainha Maria Antonietta e pagou com a mais

leal e dedicada amizade a affectuosa estima que mereceo dessa rainha.

Quinze annos depois rompeo a revolução franceza, e dentro em pouco os irmãos do rei Luiz XVI e em grande numero os representantes da nobreza da França, ameaçados por ella, começarão a emigrar para o estrangeiro, abandonando o rei e a familia real.

A princeza de Lamballe não quiz emigrar, nem pensou jámais fazel-o, quando a rainha, de quem era amiga, soffria em cruel adversidade humilhação, e testemunhos publicos do odio do povo. Heroicamente dedicada então mais que nunca foi constante, fidelissima e consoladora companheira de Maria Antonietta.

Nos dias em que maior se mostrava o perigo, e aos echos do rugido do povo em furente aggressão a princeza de Lamballe não deixava um só momento a rainha, a infeliz Maria Antonietta, a *austríaca* detestada pelos revolucionarios em phrenesi.

O rei e sua familia forão emfim encarcerados

no *Templo* : a princeza de Lamballe voluntaria, grandiosa e heroicamente foi encerrar-se naquella prisão tormentosa para acompanhar no captivo a rainha, sua amiga.

Aquella revolução tam grandiosa pela magestade de principios regeneradores dos povos e das nações, tornou-se horrivel nadando ostentosa em rios de sangue, e abateo-se vilmente imaginando e applaudindo torturas que impoz ás suas victimas.

Em depravado empenho de tormentos privou a familia real prisioneira no *Templo* de todas as consolações, e em odio a Maria Antonietta os dominadores da França arrancarão dos braços da ex-rainha a princeza de Lamballe.

Mas essa princeza, symbolo de heroica dedicação amiga, e typo de virtudes, separada assim de Maria Antonietta passou do *Templo* para o carcere da *Force*, como se criminosa fosse, e ali ficou aferrolhada.

Pronunciou-se abominavel a raiva que se chamou systema do *terror* : em Setembro de 17 92

Danton fez do povo — carrasco damnado —: ás portas das prisões os miseros encarcerados forão entregues á mais satanica matança.

A princeza de Lamballe arrastada para fóra do seo ergastulo, e entregue a hyena revolucionaria, padeceo morte a mais atroz, seo corpo foi despedaçado, e sua bella cabeça espetada em um chuço, e conduzida em vandalico triumpho foi exposta na altura e em face de uma das janellas do Templo para que Maria Antonietta a visse e reconhecesse.

Assim foi morta a princeza de Lamballe aos quarenta e trez annos de idade ainda resplendente de belleza, e muito mais radiosa de virtudes.

Ella deixou á memoria dos homens magnanimo e portentoso exemplo de sublime dedicação na amizade.

Nesse culto do mais generoso sentimento a princeza de Lamballe exaltou-se absolutamente livre de suspeitas de adulação e de servilismo para com a rainha ; porque a sua heroica amizade apurou-se muito mais, quando Maria Antonietta deixara de ser rainha, e era sómente prisioneira,

victima, ameaçada de morte, e, o que é mais, involuntaria e fatalmente comprometedora de quem quer que ouzava mostrar-lhe afeição, ou por ella interessar-se.

A princeza de Lamballe não foi palaciana lisongeira, nem mesmo simples entusiasta sincera da causa da monarchia em França, que era a causa da rainha : ella foi antes de tudo e acima de tudo a mais fiel amiga de Maria Antonietta, foi o symbolo, e seja licito dizel-o assim, foi o anjo e a martyr da mais pura amizade.

Ella teria sido assim, e com igual heroicidade amiga de Maria Antonietta ainda que Maria Antonietta não fosse princeza, nem rainha ; desde que por esta ou por alguma outra digna senhora, seo virtuoso coração se abrisse ao generoso e santo sentimento da amizade.

Pela sua dedicação, pela sua abnegação, pelo martyrio e pela sua morte a princeza de Lamballe resume na edade moderna todos os esplendores e glorias da famosa e cantada amizade de Castor e

Pollux nos tempos fabulosos, e de Damon e Pithias nos antigos.

A princeza de Lamballe merece altar mimoso e radiante nos corações de todas as meninas e de todas as senhoras que comprehendem e sentem a doçura, o encanto, e o preciosissimo valor desse thesouro raro — o sentimento mutuo e verdadeiro da amizade.

Porque a amizade por isso mesmo que não é sentimentalmente interesseira e egoista, como o amor, é mais nobre e mais pura do que o amor.

RACHEL VARNHAGEN VON ENSE

Natural da Prussia, onde nasceo em 1771, filha de Levin Marcus, esta celebre senhora casou-se com Carlos Augusto Varnhágen von Ense, diplomata prussiano, e autor de muitas obras estimadas na Allemanha.

Rachel era de espirito illustrado pela educação, e rica de intelligencia e de imaginação pela natureza : assim dupla e opulentamente dotada foi a principal inspiradora, e dissimulada collaboradora das obras litterarias e philosophicas que distinguirão o nome, e fizerão avultar o merecimento, e a reputação de seo esposo, como escritor.

Em 1813, rompendo a guerra da libertação da Allemanha do jugo de Napoleão I, Rachel, a esclarecida e modesta litterata, passou para Praga, na Bohemia, e toda flammada de patriotismo, fez o que mais natural e dignamente podia fazer, como senhora, fundou um hospital, e nelle se distinguio e se exaltou, como a principal e zelosa enfermeira de feridos e de doentes até que enfim chegou ao seu termo o flagello da guerra.

Rachel Varnhagen fechando o seu patriótico hospital, nem por isso deixou de praticar activamente a caridade, indo e fazendo distribuir esmolas por familias pobres, e ao mesmo tempo tornou a sua casa bello e notavel centro de artistas, de sabios e de litteratos entre os quaes brilhava pelos thesouros de sua intelligencia, e a todos enlevava com a bondade do seu coração.

Viveu assim virtuosa e suavemente até que aos 7 de Março de 1833 rendeu a alma á Deos.

O amor do esposo, o patriotismo, a caridade, e o doce culto das letras e das artes encherão a

vida de Rachel Varnhagen von Ense, que perdura honorificada em lugar distincto na galeria das senhoras mais illustres da Allemanha.

M^{ME}. DE SÉVIGNÉ

Maria de Rabulin-Chantal nascida em 1626 em Paris, ainda no berço perdeu seu pae, e foi educada pelo abbade de Coulanges seu tio materno, ao qual amou como estremecida filha.

Ella contou entre seus mestres Ménage e Chapelain e recebeu esmerada educação.

Aos dezoito annos de idade casou-se com o marquez de Sévigné, homem faustoso e dissipador que no fim de sete annos foi morto em duello.

A marqueza de Sévigné viuva ainda tam joven, bonita, dotada de espirito muito esclarecido e agudissimo, e vivendo em tempo de costumes

pouco sevéros, em vez de engolphar-se nas festas, e nos ferventes arrebatamentos da feiticeira Paris, não exilou-se da sociedade; mas occupou-se principalmente, e de preferencia á tudo da educação de um filho e de uma filha, doces fructos de sua união conjugal.

Em 1669 ella casou sua filha com o conde de Grignan, que exercia elevado cargo em Paris; mas que dous annos depois do seo casamento foi nomeado governador da Provença e teve de ausentar-se da Corte.

M^{me} de Sévigné era mae extremosissima, e tinha por sua filha (Francisca Margarida de Sévigné, condessa de Grignan) predilecção um pouco justificavel, e obrigada a separar-se della, sentio-se ferida por golpe profundo em seo coração.

Esse infortunio porém foi como providencial acontecimento para a manifestação das notaveis faculdades intellectuaes, quasi do genio, dessa extremosa mãe, que era senhora do mais bello e illustrado espirito.

Nos tormentos da vida as almas fracas abatem-se e consternão-se. M^{me} de Sévigné era forte e

procurou dar valvulas á dor e á saudade ; deu-as, e procurou consolação, escrevendo assiduamente cartas á sua querida filha, e escrevendo-as sem pretensão e sem idéa de futura publicidade, escrevendo-as com o coração aberto.

Mas que cartas!... o que de menos precioso ellas encerrão é a noticia, a chronica palpitante da vida mais interessante de Paris com apreciações e juizos do maior merecimento ; o que nellas muito mais encanta é o sentimento que commove, a naturalidade que deleita e que captiva, e por tudo isso e talvez em não planejado empenho de observação de preceitos de escola o mais delicado e magistral estilo epistolar.

M^{me} de Sevigné morreo em 1696, e suas cartas reunidas e publicadas pela primeira vez em 1726 (bella festa ao seo centenario !...) tem tido reimpressões sem numero, e ficarão como admiraveis modelos.

M^{me}, de Sévigné ficou immortalizada pelo distincto e superior merecimento das suas *Cartas*, que por todos os litteratos, e por todos os corações sensiveis são admiradas : ella não as escreveu so-

nhando glorias litterarias, nem ambicionando gráo algum, e menos o gráo elevadissimo, a que, alem tumulo, subio seo nome na republica das letras.

Suas *Cartas*, sua gloria, seu renome imperiscivel deverão-se ao mais santo dos sentimentos, á mais pura e commovente das inspirações, ás mais ternas das harmonias do coração da mulher, ao amor e á saudade maternal.

Era o amor maternal que fallava terno e sublime nessas *Cartas*, typos do estilo epistolar, era esse amor que a fazia chamar as duas filhas da condessa de Grignan, as suas netas, « minhas pequenas entranhas. »

Na merecida gloria d'alem tumulo de M^{me}. de Sévigné deve-se applaudir muito o brilho do espirito, da intelligencia illustrada, e a mestria da escriptora epistolar ; ainda mais porem do'que esses thesouros aquelle encanto que os revelou, o sentimento que abriu aos vóos d'essa alma immensos espaços brilhantes de gloria, o amor maternal que é o amor dos extremos sublimes, e das lagrimas santas.

M^{me}. de Sévigné é tam difficil de ser imitada, como escriptora epistolar, que antes e depois della ainda não houve quem a igualasse.

Mas o amor maternal em suas multiplas e quasi infinitas inspirações de ternura póde ainda fóra dos horisontes da litteratura illustrar a mulher, como illustrou M^{me}. de Sévigné por suas cartas. E repetindo-se mil vezes, não se repetirá de mais, que é pela bem dirigida e perfeita educação dos filhos, que a mulher que é mãe, levanta nesses filhos os mais bellos monumentos da sua verdadeira gloria.

AS SPARTANAS

Sob a influencia da legislação de Lycurgo e dos costumes por elle plantados, os spartanos fulgirão por grandes virtudes, que exaltarão a prosperidade e a gloria de Sparta ; mas endurecerão seos proprios corações ; fechando-os ainda aos mais suaves e generosos sentimentos do amor que tem sua placenta na propria natureza.

Para elles o amor da patria era como religião, e o unico amor que não aviltava, e não corrompia o homem ; e com o poder da educação e dos costumes mais rigidos e austeros os spartanos levarão essa falsa doutrina até o extremo inverosimil de embotar o amor mais santo, o amor maternal.

Pauzantias, celebre general spartano, depois de brilhantes feitos, deshonrou-se, dando ouvidos á seductores offerecimentos dos Persas inimigos de sua patria. Convencido de traição e condemnado á morte, refugiou-se em um templo de Minerva, asylo inviolavel ; ali porém morreo de fome ; porque os spartanos fecharão com muros as portas do templo e quem voluntariamente levou a primeira pedra que servio para esses muros, foi — *a mãe de Pauzantias!*...

Esperavão-se com ancioso patriotismo noticias de importante batalha, que já se sabia travada ; e chega emfim um mensageiro do exercito...

Uma spartana avança exaltadamente commovida para elle...

— Teos cinco filhos morrerão na batalha ; diz-lhe o mensageiro.

— Vim perguntar-te de quem foi a victoria ; responde-lhe a spartana.

— A victoria foi de Sparta.

— Vamos dar graças aos deoses!.. exclama aquella mãe, que acabava de receber o *annuncio da morte dos seus cinco filhos.*

Isto é pelo menos na apparencia grandioso, heroico, sublime ; esses factos porem sorprehendem, e inflammão até certo ponto a imaginação exactamente porque excedem todas as proporções da abnegação ou de quasi barbaro esmagamento do coração humano.

Pauzantias fora traidor, criminoso de leso-patriotismo ; mas não era, não devia ser sua mãe quem primeira ou ultima concorresse para fazel-o soffrer a pena de morte. A mãe de Pauzantias ultrajou a natureza, não foi grandiosa, nem sublime, nem heroína ; foi apenas desculpavel por cega escrava de educação e de costumes nessa exageração condemnavel.

A outra spartana, a mãe dos cinco filhos mortos na batalha, que não experimenta torturas no seio, e vae jubilosa render graças aos deoses pela victoria de Sparta, sem duvida foi patriota entusiasta ; mas pôde se-lo ; porque era mulher filha de falsificada educação, mãe artificialmente desnaturada, que não pode ter direitos á gloria de grandiosa, de heroica, e sublime.

O amor da patria é santo dever, e sentimento

glorificador : mas harmonisa-se, identifica-se perfeitamente com o amor dos filhos, e do esposo, e dos paes. Nem ha patria sem estes amores, e sem outras condições que são todas ou suavissimos sentimentos, ou tambem legitimos ou respeitaveis interesses, raizes generosas que podem ligar o estrangeiro á terra que adopta, como se nella tivesse nascido.

Essas spartanas, heroínas á seu modo grandiosas ; porque mentirão ás condições naturaes, de que as tinham despojado ; sublimes somente porque ficarão fóra, e absolutamente privadas das verdadeiras proporções e harmonias do bello, não devem ser apresentadas como exemplos dignos de imitação.

As spartanas filhas da legislação de Lycurgo erão mães artificialmente preparadas com offensa da natureza pela degeneração do sentimento.

Ha muito que louvar na castidade e em outras virtudes das spartanas, muito que applaudir em seo patriotismo ; quando porém ellas se deshumanisavão á medo de aviltar-se pelo amor ainda o mais puro merecião apenas ser lamentadas.

VERONICA (SANTA)

Quando Nosso Senhor Jesus Christo, o Messias predito pelos prophetas, filho de Deos, e Deos que se fizera homem para redempção do genero humano, depois de entregue aos phariseos, e de condemnado pelos sacerdotes dos judeos, era conduzido com a cruz sobre seos hombros para o alto do Calvario, uma simples mulher sanctificou-se por acto de piedade que nas circumstancias não é muito chamar-se heroico.

Victima de feroz perseguição excitada pelos sacerdotes de uma falsa religião, que não podia resistir ao influxo dos divinos preceitos que doce-

mente ensinava o Messias, este, Nosso Senhor Jesus Christo, sentenciado pelo *scinhedrin* a morrer na cruz entre dous ladrões (o bom e o máo), caminhava paciente ao som de vozerias, de injurias, e de ameaças dos phariseos, que o açoutavão e ferião indignamente.

Aos olhos da multidão transviada e perversa Jesus era criminoso abominavel, malfeitor da sociedade pela religião que fundava.

O terror era tanto que os discípulos do Divino Mestre estramalhados se escondião na sombra, e que o *proprio Pedro* o tinha á medo tres vezes negado no palacio de Poncio Pilatos, o governador romano.

O odio pharisaico rugia em phrenesi : defender Jesus, apiedar-se alguém dos tormentos que elle soffria, era perigo que somente animo heroico ousaria arrostrar.

E foi então que a pobre e rude mulher Veronica, vendo Jesus passar por diante de sua porta, offegando, e com o rosto banhado em suor pelo pezo da cruz que levava, e pelos açoutes e ultrages que recebia, sahio piedosa e sem medo de sua caza, e

levando uma toalha foi enxugar com ella o rosto inundado de suor daquelle que ia ser crucificado, como imperdoavel e horrivel criminoso.

O sentimento da piedade é sempre abençoado e louvavel, e quasi sempre admittido, ou tolerado ainda á favor dos perpetradores de grandes attentados; naquelle caso porém era offensa á furia odienta dos phariseos, e Veronica por piedosa foi então mais nobre e mais radiante de generoso animo, do que Pedro, o discipulo que por medroso negara tres vezes o seo Divino Mestre.

E Veronica, a sublime piedosa, (segundo pensão alguns) ignorava talvez que ia enxugar o suor que inundava o rosto do Filho de Deos, do proprio Deos que se fizera homem para redempção do genero humano !... Veronica foi heroina.

No interessante livro, em que se recolherão e se derão ao conhecimento de todas as Meditações de Anna Catharina Emmerich, vem simples, mas eloquentemente narrado o caridoso, doce e commovente episodio de Veronica na santa historia da paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Christo.

Em seus milagrosos extasis A. C. Emmerich revela, que a corajosa heroína da caridade já de antes tinha merecido chegar á presença do Messias, e abrir sua alma angelica ás doutrinas santissimas do Filho de Deos, e Deos feito homem.

Revela tambem como Nosso Senhor Jesus Christo permittio que sua face impressa ficasse na branca toalha, com que lhe enxugara o suor e o sangue a piedosa e magnanima mulher, que até então se chamava *Seraphica*, e á quem Jesus disse, que desse dia em diante se chamaria *Veronica*.

Explicada assim a tradicção, que o consenso geral e secular dos catholicos confirma : do acto glorificante de Veronica, não lhe diminue grandiosidade o conhecimento anterior do Messias, pelo contrario fulgura nesse acto além da virtude da caridade a flamma da fé, que não vacillou em Veronica firme, e dedicada como por medo ou terror se enublara em alguns dos proprios apostolos.

Seraphica ou Veronica tam grande se mostrou que nas horas do perigo, do phrenesi assassino, nas horas da paixão e da morte de Jesus, excedeu

á todos os apóstolos e discípulos do Divino Mestre, e teve somente por superior a magestade suprema do amor incomparavel, e da ainda mais incomparavel dor de Maria — a Mãe de Jesus, a Mãe Immaculada.

Como quer que os fieis aceitem revelado, ou o racionalismo positivo apenas admitta verosimil em impulsos de piedade, em todo caso admiravel, é incontestavel, que desse facto de Veronica perpetuado pela tradição, confirmado pelo consenso geral dos catholicos, ficou ainda lição de santa virtude, a lição da caridade, que é o amor de Deos e do proximo.

E' lição que deve ser observada por todos os homens ; mas sua pratica pela mulher dá á esta o mais bello dos encantos. Deos creou a mulher tam branda e tam suave, que á caridade, a *primeira*, e a mais doce das virtudes como que assenta nella ainda melhor que no homem.

Cumpre á mulher imitar Veronica : soccorrendo, consolando, amparando o pobre, o infeliz, o invalido, a victima que passa diante de sua porta,

a mulher fará, como fez Veronica, sahindo com uma toalha á enxugar o suor que banhava o rosto de Jesus.

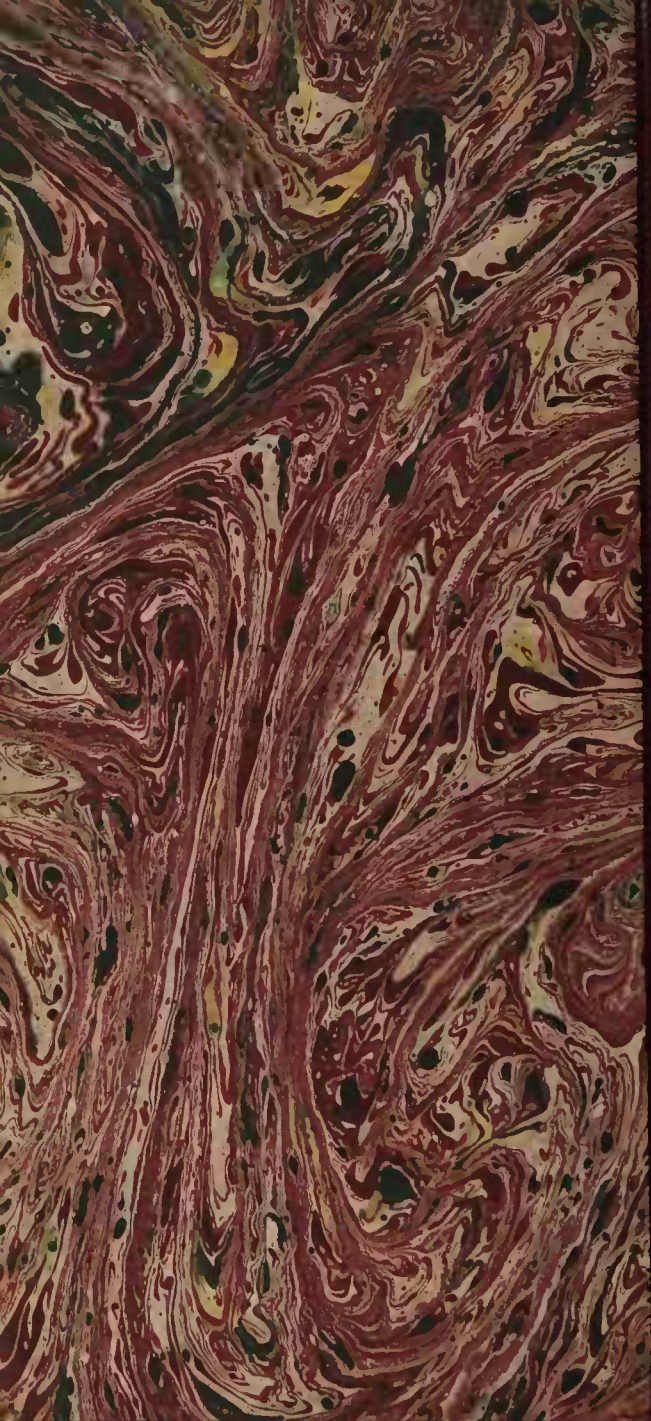
E toda a mulher tem a toalha de Veronica na esmola, no tratamento do doente pobre, nos actos de piedade emfim.

E que não se desconsolle a mulher, a menina que, pobre tambem, deseja em vão dar esmola ao verdadeiro necessitado, nem pode soccorrer por qualquer motivo estranho á sua vontade, o doente e o infeliz em penuria e soffrimentos. Todas, e igualmente ella, a mulher, a menina mais pobre ; tem a toalha de Veronica na—*oração*—que é a esmola mais sublime, quando sahe pura e ardente da fé da alma caridosa e toda voltada para Deos.

FIM







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).